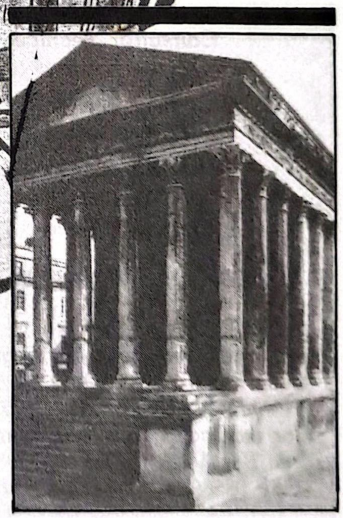
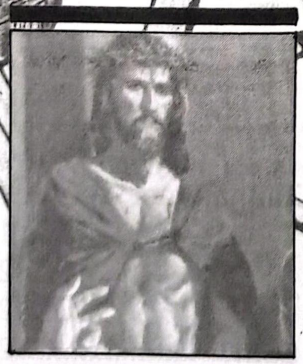
Juventude 91

MINHA MÃE

Tive? Tenho? Por quanto tempo a terei?



Pompéia, a cidade que o Vesúvio destruiu



Cristo ou Barrabás?

Juventude 91

Vol. 5 - Maio-junho/91 - N.º 3

Revista educativa editada bimestralmente pela Editora Missionária "A Verdade Presente" — Caixa Postal 135 — Itaquaquecetuba, SP — 08580 — Telefone (011) 464-3888.

Registrada nos termos dos artigos 8.º e 9.º da Lei Federal n.º 5.250/67, combinados com os artigos 122 e 126 da Lei Federal n.º 6.015/73, na Lei de Imprensa sob o n.º 7449 do livro A do 5.º Cartório de Registro de Títulos e Documentos de São Paulo.

Redator-Chefe:
Daniel S. F. Boarim

Editor
Pasquale Lemmo

Editora de Notícias
Alvaner A. Feitosa

Editores Associados
Olyntho S. Soares
Isaías S. Lima

Depto. de Arte

Diagramador
Elizeu Silva

Assistente de Diagramação
Débora Lima

Desenhista
Emerson S. Freire

Fotocomposição
Iliana D. Sato

Consultor Técnico
Olyntho S. Soares

Secretárias
Elizabeth Toledo
Betânia Silva

Arquivo
Solange A. Pereira

EDIÇÕES VIDA PLENA

Livros e revistas sobre religião e saúde Editora Missionária "A Verdade Presente" — Caixa Postal 135 — Rua Flor de Cactus, 140 — Jardim Quinta da Boa Vista — Tel: 464-3888 — CEP 08580 — Itaquaquecetuba, SP.

Gerente Geral
Gerson S. Barros

Sub-gerente
Geremias P. Nunes

Gerente de Produção
Roberto A. Sato

Depto. de Assinaturas
Raquel Queiroz

As notícias para o bimestre devem estar na redação com prazo máximo de um mês de antecedência em relação ao bimestre da publicação. Mas procure enviá-las ainda com mais antecedência.

LIBERDADE OU ESCRAVIDÃO?

Há várias maneiras de se enfocar este assunto, tão rico em significados.

No léxico você poderá constatar que *liberdade* é a faculdade de cada um decidir ou agir segundo a própria determinação. Em contrapartida, escravidão significa cativeiro, falta de liberdade, servidão.

Fala-se muito em liberdade, e podemos mesmo falar em liberdade de consciência, de escolha, de linguagem, de pensamento, de imprensa, liberdade religiosa etc.

Ao falarmos de "Lei Áurea", lembramos imediatamente dos tempos sombrios da escravidão e da libertação proporcionada pela princesa Isabel.

A Bíblia, — nosso guia — é o principal manual de liberdade; alguma vez você pensou nisso?

Desde suas primeiras páginas podemos ler que Deus criou o homem para ser livre e muito feliz, mas este, atendendo às sugestões de Satanás, pecou e tornou-se escravo da desobediência. Ele prepara diferentes ardis para escravizar cada um de nós.

"A única condição em que é possível o libertamento do homem é tornar-se ele um com Cristo." DTN 450.

"Quando Cristo reina na alma há pureza e libertação do pecado." PJ 420.

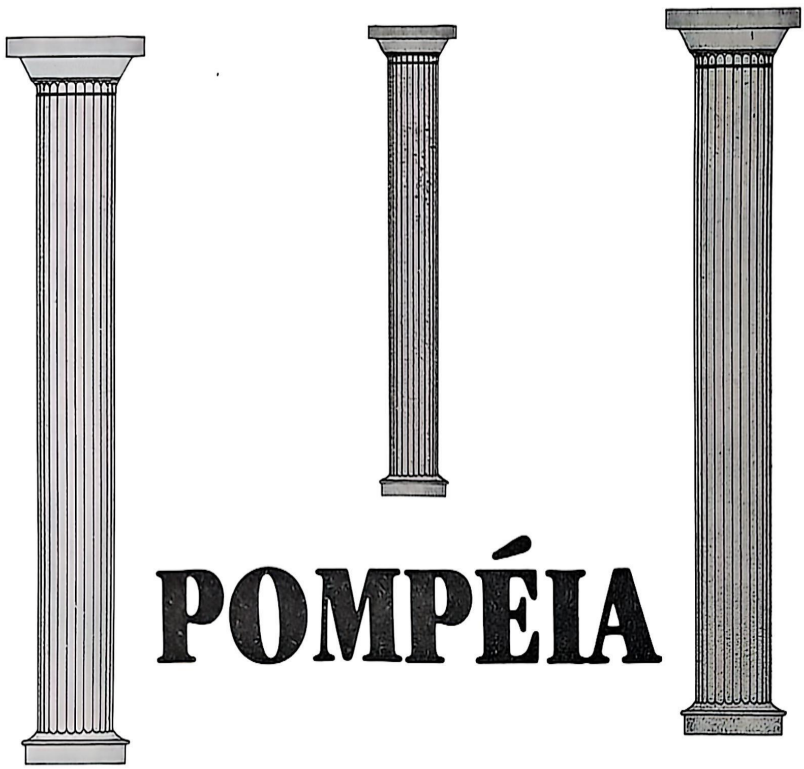
"Os jovens têm um amor inato à liberdade: desejam a independência; precisam compreender que estas inestimáveis bênçãos devem ser gozadas unicamente na obediência à lei de Deus. Esta lei é a preservadora da verdadeira independência e liberdade. Ela nos aponta e proíbe as coisas que degradam e escravizam." E 291.

Esperamos que você compreenda o profundo significado de contemplar a Cristo e reencontre, assim, o caminho da verdadeira liberdade. Que possa tornar-se livre para obedecer plenamente à lei de Deus.

A.S.A.F.

ÍNDICE

Editorial 2
Pompéia 3
Cristo ou Barrabás? 6
A História de Nossos Vazios 9
O Camelo 10
O Caráter que Deus Aprova 14
A Escolha dos Companheiros 15
Juventude de Ontem — Benjamim Zaithammer 16
Minha Mãe 18
Variedades 21
Poema — Desejos 21
Estou Contratado! Como Começar Bem? 22
Perdões e Pedras 25
O menino da Turíngia — III 26
Ouça-me Só Um Momento, Por Favor 28
Agora é Tarde 29



POMPÉIA

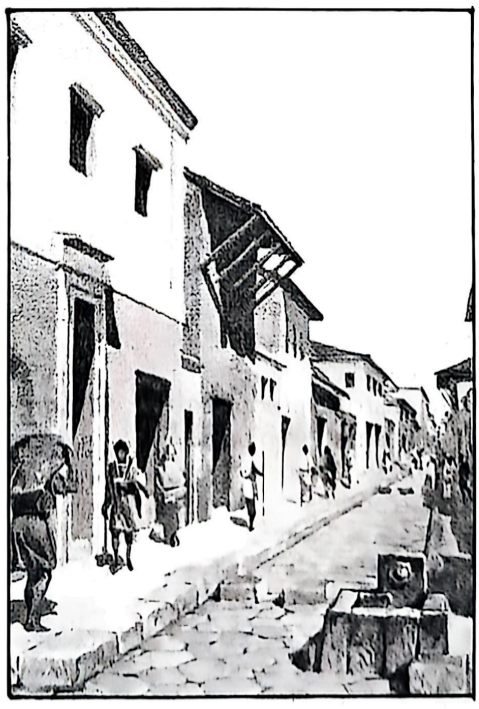
Conheça a história de Pompéia, a cidade que o Vesúvio destruiu com suas lavas.

Emerson S. Freire

Pompéia, a célebre cidade soterrada pelas lavas vulcânicas do Vesúvio, era inicialmente uma simples aldeia pertencente a uma tribo itálica, que ficava numa região ao sul de Nápoles. Mais tarde, essa aldeia sofreria influência das colônias gregas do litoral, transformando-se numa cidade de ruas pavimentadas e com edifícios públicos. No ano 91 a.C., tornou-se mais uma das províncias romanas.

Pompéia não era uma cidade magnífica, mas tinha seus méritos como cidade romana. Era lá que os romanos mais abastados se refugiavam temporariamente da agitação da grande capital do Império. A cidade era oval, rodeada por uma muralha com oito portões. Três teatros ofereciam diversão aos turistas. Embora os pompeanos não tivessem muita cultura, admiravam as artes. Havia na cidade numerosos afrescos, com cenas da mitologia, cenas alegóricas etc., que enfeitavam as casas. Um dos mais famosos era o que representava o sacrifício de Ifigênia.

Pompéia apreciava também a poesia, e seus poetas escreviam



poemas até nas paredes exteriores das casas. Inscrições como estas eram comuns na cidade, e até mesmo as propagandas eleitorais eram feitas desta forma.

A maioria dos pompeanos era de classe média e alta, todos muito dados ao luxo. Suas casas eram espaçosas, com 800 a 900 m2, muitas delas com dois pavimentos, e bem mobiliadas. As camas eram os principais móveis da casa, pois serviam para dormir, comer, receber os visitantes, ler e escrever. Geralmente, eram feitas de madeira ou bronze, mas os arqueólogos descobriram até mesmo algumas camas de prata.

No centro da cidade ficava o *Fórum*, ou praça, para onde afluía o maior número de pessoas; a basílica, que era um lugar para reuniões públicas, templo de Apolo, de Júpiter e da deusa egípcia Ísis. Também havia o *comitium*, o edifício onde eram realizadas as eleições, além dos mercados, lojas e casas de câmbio.

Dos três teatros da cidade, um, com capacidade para 5 mil pessoas, era o teatro de comédias; o outro, chamado "Odeon", servia a espetáculos musicais, e o terceiro, o anfiteatro, comportava toda a população da cidade — 20 mil pessoas — e nele se realizavam os espetáculos dos gladiadores.

As ruas de Pompéia eram de três tipos: as *itinera*, eram ruas onde só podiam andar pedestres; as *actus*, que davam passagem a um único carro, e as *viae*, que permitiam a passagem de até dois carros, folgadamente. Em seu centro industrial, produziam-se pedras de moinho, molho de peixes, perfumes, tecidos etc. Prósperos mercadores contribuíam para o bom comércio da cidade, com um avançado sistema de vendas de artigos de primeira necessidade, como cereais, vinhos e azeite.

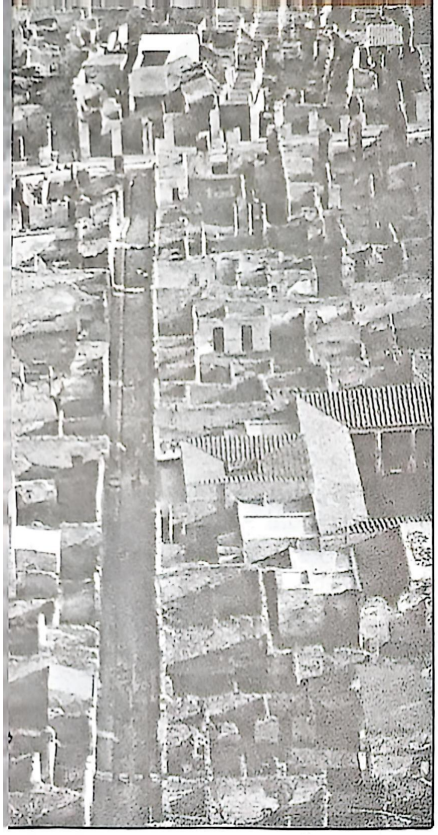
Prevalecia também em Pompéia um costume dos gregos e romanos, o *graffiti*, que eram mensagens desenhadas ou escritas nas paredes das casas. Esses *graffiti* arrebatavam a atenção das pessoas, conduzindo-as a imaginações ora sentimentais, ora amorosas; às vezes, os *graffiti* eram pornográficos — como é o caso dos que foram encontrados num prostíbulo.

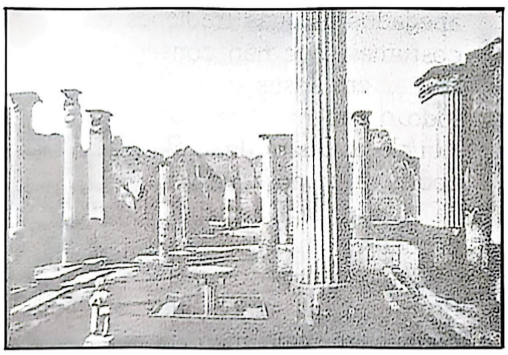
A catástrofe de Pompéia ocorreu durante uma campanha eleitoral, e nos muros das casas ainda hoje são vistas as frases de propaganda da eleição.

Pompéia, enfim, era uma cidade comum, como tantas outras cidades romanas, e talvez nunca chegasse a ser famosa, não fosse pelo seu trágico fim — soterrada pelas lavas do Vesúvio.

No ano 63 d.C., a cidade de Pompéia e suas vizinhas Herculano e Estábia, foram surpreendidas por terremotos que causaram enormes danos: os edifícios tombaram, as colunas quebraram-se e as estátuas foram destruídas. Pompéia ficava a 1,5 km do sopé do monte Vesúvio, onde existia um vulcão adormecido a centenas de anos. Assim que começaram os terremotos, entretanto, o vulcão começou a rugir, deixando as pessoas alarmadas. Logo que cessou o terremoto, porém, as pessoas trataram de reparar os estragos e esquecer novamente o Vesúvio. De nada adiantou reconstruir as cidades, pois novo terremoto veio, e outros continuaram vindo durante os 16 anos seguintes. O Vesúvio rugia agora cada vez mais forte. Segundo algumas lendas da época, o monte era um campo de batalha dos deuses — e isso deve ter dado asas à imaginação dos pompeanos a respeito da causa dos terremotos e do rugido do Vesúvio.

Com o aviso dos terremotos e





o rugido do vulcão, os habitantes de Herculano, que ficava ao sopé do Vesúvio, resolveram ir embora, e por isso ninguém morreu ali por ocasião da erupção do vulcão. Em Pompéia, entretanto, a vida continuava normalmente, até que no dia 24 de agosto de 79 d.C., o Vesúvio entrou subitamente em erupção, e com grande violência. O desespero foi total: a cidade de Herculano foi totalmente coberta pela lava e, em Pompéia, a população estava em pânico. Era preciso fugir, mas no afã de salvar a família e os pertences, muitos morreram. Os que não conseguiam fugir ficavam à mercê da chuva de cinzas e pedras que o Vesúvio lançava a distâncias incríveis. O ar enegrecido encheu-se de gases venenosos e fumaça. Dessa forma, as pessoas que não morriam soterradas, morriam asfixiadas. O escritor Plínio, o Moço, descreveu as cenas da destruição da cidade, e como conseguiu escapar, juntamente com sua mãe, por entre a fumaça e as pedras que caíam. Já seu tio Plínio, o Velho, um grande naturalista e escritor, não teve a mesma sorte: após ter comandado uma esquadra que salvou algumas pessoas, desembarcou na praia para observar a erupção, e ali morreu.

O Vesúvio fez cerca de 2 mil vítimas, numa cidade de 20 mil habitantes (30 mil, segundo algumas fontes). Sua marcha destruidora foi terrível. Pompéia ficou totalmente soterrada, ficando de fora apenas o topo dos muros e colunas mais altas. Erupções posteriores e a erosão encarregaram-se de cobri-la totalmente. A cidade permaneceu sob os depósitos de cinza durante quase 1.700 anos, mas nunca foi completamente esquecida. Camponeses que habitaram a região através dos tempos, escavavam-na em busca de tesouros. Mas seu descobrimento, oficialmente, se deu somente no século XVIII, quando um militar espanhol chamado Roque Joaquín de Alcubierre realizou pesquisas arqueológicas na região e, com as escavações, que duraram 42 anos (de 1738 a 1780), revelou a civilização das três cidades romanas destruídas. Nas escavações, os arqueólogos encontraram os moldes dos corpos preservados pela cinza endurecida. Derramando gesso nos moldes, puderam obter uma cópia detalhada das pessoas, e até mesmo da expressão de agonia de seus rostos.

Mais da metade de Pompéia encontra-se hoje descoberta. Os visitantes podem ver os edifícios como eram há quase dois mil anos, e circular pelas casas e ruas estreitas, como faziam os pompeanos. A catástrofe de Pompéia ocorreu durante uma campanha eleitoral, e nos muros das casas ainda são vistas as frases de propaganda da eleição. Através das escavações de Pompéia, pode-se ter uma idéia mais precisa do cotidiano das cidades do Império Romano e dos cidadãos romanos do início da era cristã, principalmente a respeito da vida das pessoas comuns, sem as complicações do heroísmo romano.

Cerca de oito anos antes de Pompéia ser destruída por uma catástrofe natural, Jerusalém o foi pela invasão das tropas romanas. Uma profecia de Cristo, proferida quarenta anos antes da destruição de Jerusalém, indicava o motivo do futuro desastre: a rejeição do Messias pelo Seu próprio povo.

Pompéia vivia como se Deus não existisse: apenas para gozar os prazeres da carne, embora tivesse diante de si a história do destino de inúmeras cidades: Sodoma, Gomorra, Babilônia, Nínive... Jerusalém (esta tão recente).

E hoje, qual é a situação? O mundo inteiro está corrompido. A Terra toda, e não uma ou algumas cidades, será destruída. Diz a pena inspirada: "Os portos marítimos que, pela iniqüidade, se tornaram como Sodoma, são tragados pelas águas enfurecidas." GC 637. É indescritível a cena da destruição da Terra em futuro próximo. Quem se salvará?

Jerusalém em chamas não teve sequer um cristão perecendo com ela. Assim também agora: nenhum filho de Deus, genuinamente convertido, separado do pecado e pecadores, estará entre os perdidos. Devemos agora clamar noite e dia para que Deus salve o Seu povo que ainda não se reconciliou com Ele.

Prezado jovem: Medite bastante na terrível história das civilizações extintas pela sua própria loucura. Agora é o tempo de você ser salvo. Esse tempo deverá ser extremamente curto.

Bibliografia

Enciclopédia Barsa, vol. 15
Enciclopédia Mirador Internacional, vol. 16
Enciclopédia Delta Universal, vols. 12 e 14

CRISTO OU BARRABÁS

A máxima injustiça: Barrabás, o criminoso, voltou tranqüilamente para casa, enquanto o inocente e humilde Nazareno era crucificado

E. S. Ruas

Despontava a aurora e a cidade de Jerusalém acabava de acordar para as suas atividades e agitação cotidiana. Era o dia da páscoa e a capital de Judá estava repleta de pessoas de vários lugares. Aproximava-se a hora do tradicional sacrifício do cordeiro pascoal, representando alegoricamente a morte do Messias prometido. Os olhos e o coração de todos estavam voltados para esta cena. Em sua maneira errônea de interpretar as profecias, os judeus criam que este ato cerimonial possuía, em si mesmo, mérito capaz de os recomendar a Deus. Estavam tão apegados às suas tradições e costumes, que não conseguiam divisar em Jesus o Antítipo de todo o seu ritual religioso, Aquele a Quem João Batista apontara como sendo o "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo".

Como estudiosos das Escrituras, os líderes judeus, conheciam, pelo menos teoricamente, algo a respeito do caráter e obra do Messias. Mas quando Jesus apareceu demonstrando em Sua vida provas inequívocas de ser Aquele de Quem falaram Moisés e os profetas, obstinadamente rejeitaram a influência salvadora de Sua divina graça.

Mal raiou o dia e lá estavam eles conduzindo o Salvador à sala de julgamento de Pilatos, a fim de obterem a sentença de morte das autoridades romanas. Diante de Pilatos, os líderes judeus passaram a acusar o Mestre com enfurecida veemência. "Achamos este homem pervertendo a nossa nação, proibindo dar o tributo a César, e dizendo ser Ele mesmo Cristo, rei." Lc 23:2.

As acusações que os líderes judeus levantaram contra Jesus foram altamente comprometedoras. Normalmente, as autoridades romanas tratavam as pessoas que assim procediam

com o máximo rigor. No caso de Jesus, porém, a situação era diferente. Pilatos era um homem de larga experiência política, principalmente em questões judaicas. Não se deixaria convencer pelos argumentos dos sacerdotes e príncipes, vagos e contraditórios. A acusação de que Jesus estaria liderando uma ação revolucionária contra o governo imperial de César não se compatibilizava com a verdade dos fatos. Certamente, por trás de tudo isso, existiria outra razão para exigir a morte de Jesus. Pilatos sabia que os mais acérrimos inimigos de Roma eram eles próprios, os líderes de Israel. Acima de tudo, porém, o governador romano não havia encontrado na pessoa do Salvador nenhum sinal que O identificasse como um criminoso digno de morte.

Pretendendo então evitar o problema, Pilatos encaminhou Jesus ao tribunal de Herodes. No palácio de Herodes a cena se repetiu. Jesus foi examinado por Herodes não sendo, porém, encontrada nEle alguma falta que justificasse uma pena de morte.

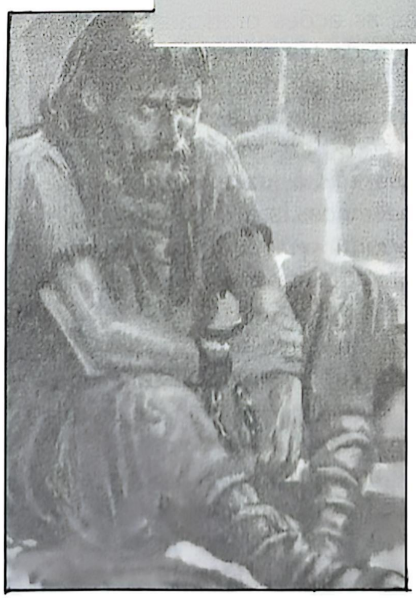
Jesus foi novamente remetido às mãos de Pilatos. Outra vez o problema estava diante dele. Desta feita, Pilatos decidiu agir com mais autoridade. Da sua posição privilegiada ele ergueu a voz e respondeu eloqüentemente: "Apresentastes-me este homem como pervertedor do povo; e eis que, interrogando-O diante de vós, não achei nEle nenhuma culpa, das de que O acusais; nem tampouco Herodes, pois no-lo tornou a enviar; e eis que não tem feito Ele coisa alguma digna de morte; castigá-lO-ei, pois e O soltarei." Lc 23:14-16.

Mas os argumentos de Pilatos não foram capazes de acalmar os ânimos exaltados dos judeus. Ao contrário, fê-los mais decididos em seu malévolo propósito.

A esta altura a notícia do julgamento de Jesus já se espalhara pelos quatro cantos de Jerusalém, de modo que ao local acorreu uma multidão. Entre os desocupados e os curiosos, havia mesmo os sádicos, que encontram prazer no sofrimento alheio.

Os sacerdotes e os escribas misturaram-se com essa gente. Não faltou o apoio de líderes religiosos e políticos de Israel. Cada momento aumentava o tumulto, com os gritos de uma multidão encolerizada. Pilatos começou a ficar temeroso. Não era seu intento crucificar Jesus; estava convencido de Sua inocência. Temia, porém, que sua imagem ficasse desgastada e sua influência prejudicada.

Quando César viesse a saber que ele havia perdoado um homem que era tido pelos judeus como "agitador político", seu cargo correria perigo. Por experiência, Pilatos sabia que os sacerdotes não hesitariam em mandar uma mensagem à Roma denunciando-o como traidor da coroa imperial. Uma acusação como esta poderia resultar na perda de seus privilégios, tão duramente conquistados. Talvez até a perda da própria vida.



A acusação de que Jesus estaria liderando uma ação revolucionária contra o governo imperial de César não se compatibilizava com a verdade dos fatos.

Numa última tentativa de libertar Jesus, Pilatos apelou para uma tradição judaica, que era soltar um preso por ocasião da festa da Páscoa.

Astutamente, Pilatos pôs diante do povo Barrabás, o pior de todos os detentos, terrível salteador e criminoso. Imaginava que, entre Jesus e Barrabás, o povo deveria escolher Jesus, pois Barrabás era muito odiado. Sem hesitar, indagou ao povo: "Qual quereis que vos solte?" (Mt

27:17). Para a sua surpresa, o povo, a uma só voz, gritou: BARRABÁS! A Bíblia narra o acontecimento:

"Mas os principais dos sacerdotes e os anciãos, persuadiram as multidões a que pedissem Barrabás e fizessem morrer Jesus. O governador, pois, perguntou-lhes: Qual dos dois quereis que eu vos solte? E disseram: Barrabás; tornou-lhes Pilatos: Que farei então de Jesus, que Se chama Cristo? disseram todos: **Seja crucificado.** Pilatos, porém, disse: Pois que mal fez ele? Mas eles clamavam ainda mais: **Seja crucificado.** Ao ver Pilatos que nada conseguia, mas pelo contrário, que o tumulto aumentava, mandando trazer água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: Sou inocente do sangue deste homem; seja isso lá convosco; e todo o povo respondeu: O Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos; então lhes soltou Barrabás, mas a Jesus mandou açoitar, e O entregou para ser crucificado." (Mateus 27:20-26).

Meditemos um pouco. Barrabás, o criminoso, o salteador, o homem vil, foi tranqüilamente para sua casa, enquanto o humilde e inocente Nazareno foi morto em seu lugar.

Você já pensou se um dia fosse julgado e condenado, e quando estivesse prestes a ser executado, aparecesse alguém que você não conhece, e se dispusesse a morrer em seu lugar?

Saiba que foi exatamente isto que aconteceu... numa festa de páscoa a quase dois mil anos atrás.

Cristo levou a cruz sobre os Seus ombros, aquele madeiro que fôra feito para Barrabás, representante da humanidade caída.

Cristo morreu por todos e oferece a salvação a todos quantos desejam recebê-la; Ele pôs ao nosso alcance a vida eterna. Basta aceitá-lO como único Salvador pessoal.

Quando César viesse a saber que ele havia perdoado um homem que era tido pelos judeus como "agitador público", seu cargo correria perigo.

Breve chegará o tempo em que Deus pedirá conta do tempo que temos hoje, do talento confiado às nossas mãos. Estão registradas nos livros do Céu todas as ações praticadas neste espaço de tempo conhecido por vida. Naquele dia Deus examinará cada caso em separado. Seremos aceitos se formos fiéis à luz que conhecemos. Isto é muito importante. A quem estamos escolhendo em nossa vida diária? Cristo ou Barrabás?

Concordemos ou não, uma coisa é certa — só existem estas duas escolhas e é uma delas que estamos fazendo. Quando resistimos à voz do Espírito Santo, ficamos na mesma condição dos judeus, quando apontavam para Jesus e gritavam: Crucifica-O! Crucifica-O!

Uma bela ilustração de um poeta cristão: "Em nosso coração existem um trono e uma cruz. Quando cedemos ao Espírito divino, o nosso eu vai para a cruz, Cristo vai para o trono e reina soberano em nossa vida. Mas quando nos volvemos da palavra de Deus para seguirmos as inclinações naturais, então Cristo vai para a cruz novamente, e nós vamos para o trono de nossa vida ilusória.

O apóstolo Paulo deixou-nos um exemplo digno de ser seguido ao tomar a decisão de crucificar o seu eu e deixar que Cristo vivesse em seu coração.

"Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo Se entregou por mim." (Gl 2:19 e 20).

Eis aqui sintetizado o segredo da salvação. Cristo, para o cristão, deve representar tudo em sua vida. O restante — vaidade, espírito de exaltação, prazeres do mundo e outros pecados devem ser crucificados.

Cada manhã precisamos consagrar a nossa vida a Deus ou do contrário nos será impossível fazer frente aos terríveis vagalhões de tentações e provas que se adensam à nossa frente, ameaçando fazer soçobrar a frágil embarcação de nossa existência.

É ainda do apóstolo Paulo a seguinte exortação: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus." (Romanos 12:1 e 2).

Em conclusão, quero deixar aos leitores de JUVENTUDE uma breve e simples oração: "Senhor Jesus, entrego as minhas paixões e desejos para serem crucificados; vem habitar em meu coração e moldá-lo de acordo com o Teu querer. Amém."

A HISTÓRIA DE NOSSOS VAZIOS

O grande problema existencial do homem se resume numa palavra: egolatria.

Daniel Boarim

A história de nossos "vazios" data do tempo de Adão e Eva. Naquele dia fatídico, quando o pecado marcou o início da miséria e da morte, o coração humano começou a experimentar algo que nunca dantes experimentara: um profundo "vazio" — solidão, tristeza, sensação de ausência, difícil de explicar — um "vácuo" provocado pelo rápido afastamento de Deus.

Há muitas maneiras pelas quais os homens tentam preencher estes "vazios". Em suma procuram satisfazer-se com *bens materiais* e *prazeres sensoriais*. Mas a grande verdade — mal compreendida — é que o espírito do homem caído é insaciável. As pessoas correm desesperadamente atrás das riquezas. São capazes de sacrificar por elas a saúde, a moral, os amigos, os familiares, o convívio social e até a vida. Chegam ao ponto de exaurir tudo o que têm e tudo o que são. Mas não alcançam a felicidade. Poderíamos ainda resumir numa palavra só o grande problema existencial do homem: *egolatria*. O pecado faz com que o homem deixe de adorar a Deus para adorar a si mesmo; centraliza suas preocupações nele próprio. Mas a religião de Cristo objetiva exatamente o contrário: a fuga do egoísmo para o amor a Deus e ao próximo. O amor e o egoísmo são dois polos opostos. Ninguém pode amar enquanto endeusa seus desejos e sua comodidade, pondo Deus e o próximo em segundo plano.

Todos conhecemos casos de ricaços que se suicidam de desespero, de gente muito famosa que se confessa infeliz, e de homens de notável capacidade intelectual, ou de inconteste autoridade, que não escondem seu descontentamento.

Julio Iglesias, cantor contemporâneo que tem na bagagem mais de 115 milhões de LPs, 400 milhões de compactos vendidos, 700 discos de ouro e 300 de platina, é considerado um verdadeiro Midas. Não obstante, "questionado sobre sucesso e solidão, ele responde: 'o sucesso traz muitas alegrias, o carinho dos que admiram nosso trabalho, o sorriso e o abraço das fãs. Mas é mais difícil quando não se está junto da família'. Na declaração, durante uma entrevista, Iglesias se referia à sua ex-mulher, de quem está separado há doze anos. 'Houve um tempo em que imaginei que o sucesso, o dinheiro e as mulheres bonitas preencheriam minhas horas de solidão. Hoje percebo que, sem uma família junto a mim, mesmo com tantas viagens, projetos e afazeres pelo mundo, minha vida tem estado vazia', confessou certa vez."

A família é uma instituição divina. O homem, contudo, tem tentado acabar com ela. Criou o divórcio; entrega-se a paixões sensuais, ao sexo pecaminoso e irresponsável. Mas nada disso pode preencher o lugar da instituição original de Deus. Cria-se, então, um "vazio", se a família é violada, ou se o adultério é cometido.

Quando a riqueza mundana ocupa o lugar da verdadeira riqueza (a de origem celestial), cria-se outro vazio, pois não há como substituir o que é legitimamente divino. Muitos retêm os dízimos, as ofertas e a ajuda devida aos pobres. Tais atos de egoísmo expulsam do coração a alegria que só a dádiva generosa e voluntária poderia trazer. Mais um "vazio" na alma, que vem da desobediência à sábia determinação de Deus.

Os prazeres do mundo, as diversões; os folguedos e folias da vida, representam nada mais que ilusão. Quando o homem tenta satisfazer seus anseios por este caminho, cria um profundo vazio na alma. Só a paz de Cristo pode satisfazer plenamente. Não há meio mais eficaz de refrigerar a alma que uma consciência tranqüila.

O pecado é o grande fator de insegurança e intranqüilidade. Os homens vivem se desentendendo e se agredindo por não reconhecerem o perigo que dentro deles reside, a saber, o pecado acariciado. O coração fica vazio da graça de Deus e repleto de um conteúdo mortífero, capaz de envenenar a mente com o egoísmo e provocar graves desastres.

Mas sempre todos chegamos a instantes de reflexão, de interiorização. Nosso "vazio" não é preenchido por fortuna, nem por fama, nem por prazeres, nem por autoconfiança. A morte é o fim inevitável de todas as classes de homens, pensem eles como pensarem. O que essencialmente diferencia um vivente de outro é exatamente o que podem garantir para depois da morte, isto é, para uma vida futura. E isto não depende de consecuções materiais. Depende de Cristo, e só dEle, que é a "ressurreição e a vida". Nosso grau de ligação com Cristo determinará o que seremos. Mais do que isto, determina o que somos. Quem está em Cristo, está completo. Tem preenchido seus vazios. Enquanto mantiver esta viva ligação, será feliz, será autêntico, sem falsidade, sem dissimular alegrias. A experiência da vida em Cristo é a mais elevada e nobre experiência por que um mortal pode passar. Não é fruto de uma escolha acidental, mas de uma opção decidida e firme. Escolher Cristo é renunciar o *EU* e começar uma vida para a salvação de almas. Este será o grande propósito da vida: salvar, salvar e salvar; porque os homens estão perdidos. Caminham aceleradamente para a destruição. E quanto melhor compreendermos isto, que nossa missão é *salvar*, mais felizes seremos e mais nos aproximaremos do dia em que não mais sofreremos a insatisfação provocada por nossos vazios.

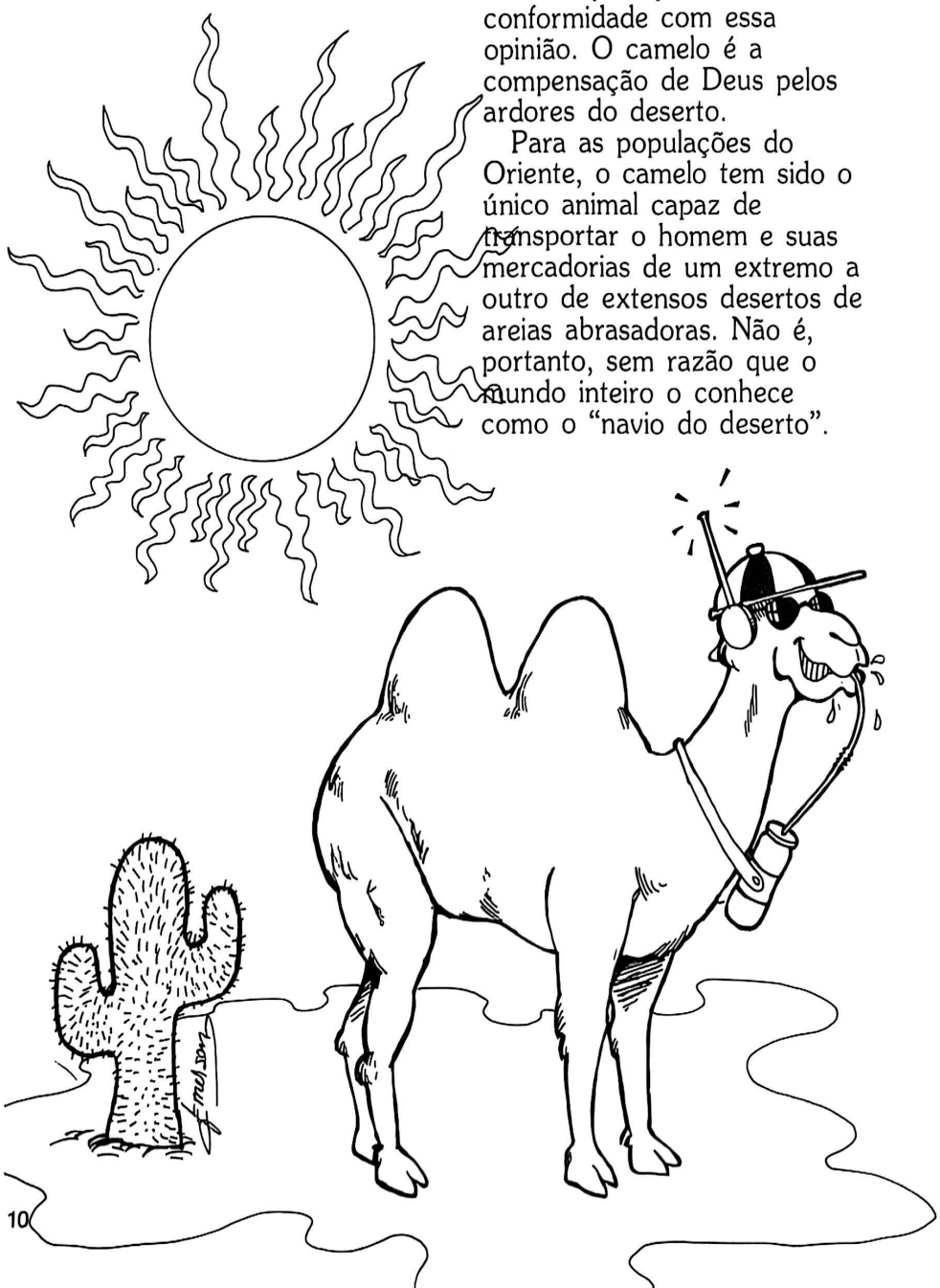
A história de nossos vazios terminará quando da restauração de todas as coisas, que deve começar hoje, no coração em que o amor de Cristo é um hóspede bem-vindo.

O CAMELO

Novo Tesouro da Juventude

No Alcorão, que é o livro sagrado dos muçulmanos, Maomé descreve o camelo como um exemplo de sabedoria de Deus. Muitos homens, muitas tribos e mesmo nações e impérios também já expressaram sua conformidade com essa opinião. O camelo é a compensação de Deus pelos ardores do deserto.

Para as populações do Oriente, o camelo tem sido o único animal capaz de transportar o homem e suas mercadorias de um extremo a outro de extensos desertos de areias abrasadoras. Não é, portanto, sem razão que o mundo inteiro o conhece como o "navio do deserto".



Não se pode precisar a época em que se começou a utilizar o camelo, mas é indiscutível que isso deve ter ocorrido já na Pré-história. Em um pergaminho, que conta mais de três mil e trezentos anos, já se cita esse utilíssimo animal. Os quentíssimos e áridos terrenos do Oriente Próximo, bem como as mais frias e ásperas extensões do Extremo Oriente, tornaram o camelo indispensável à vida humana nessas regiões. O camelo de duas gibas vive em todas as estepes da Ásia Central e serve principalmente ao comércio entre a China e o Sul da Sibéria ou o Turquestão. É bem verdade que já começa a ser substituído pelo dromedário.

Todos os grandes deslocamentos de povos na antigüidade, tanto em guerras como em correntes migratórias, só puderam ser realizados graças à utilização do camelo. Nas cenas do Antigo Testamento aparecem freqüentemente os camelos. Jó foi "o homem mais poderoso do Oriente", porque além de seus rebanhos de bois e ovelhas possuía três mil camelos.

A deslumbrante visita da rainha de Sabá a Jerusalém foi efetuada em lombos de camelos e também por meio de camelos eram transportadas as mercadorias dos portos do Mediterrâneo de onde se distribuíam para o Ocidente.

A literatura árabe derivada dos cânticos dos cameleiros

A literatura árabe tem sua origem nos cantos dos cameleiros. Enquanto realizavam suas longas e monótonas viagens através dos desertos, compunham estrofes ao ritmo do passo dos seus camelos.

Entoavam seus cantos às princesas de olhos escuros e ao riacho transparente do ansiado oásis; compunham rimas guerreiras que faziam alusão à luta dramática pela possessão dos escassos e cobiçados poços de água. A medida dos versos se ajustava ao passo dos camelos, e estes pareciam caminhar melhor ao compasso da voz de seus guias.

E foi assim que a literatura árabe nasceu no deserto, sobre a abrasadora areia e debaixo do céu azul e aquecido pelos raios do sol, criada por homens no vaivém da marcha dos seus camelos.

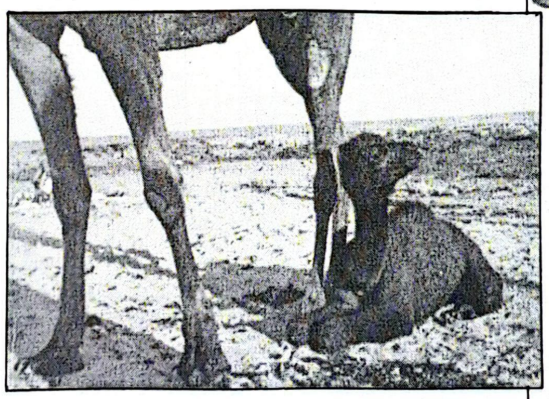
Embora atualmente o camelo tenha perdido grande parte da importância que teve em épocas passadas, sua área de dispersão coincide, aproximadamente, com a do mundo árabe, onde ainda é muito utilizado. A adaptação do camelo às zonas desérticas se deve principalmente ao fato de que ele pode viver muito tempo sem beber coisa alguma, e de que seus pés são providos de umas amplas carnosidades macias que se expandem a cada passo que dá, o que faz com que ele pise com maior firmeza e segurança na areia.

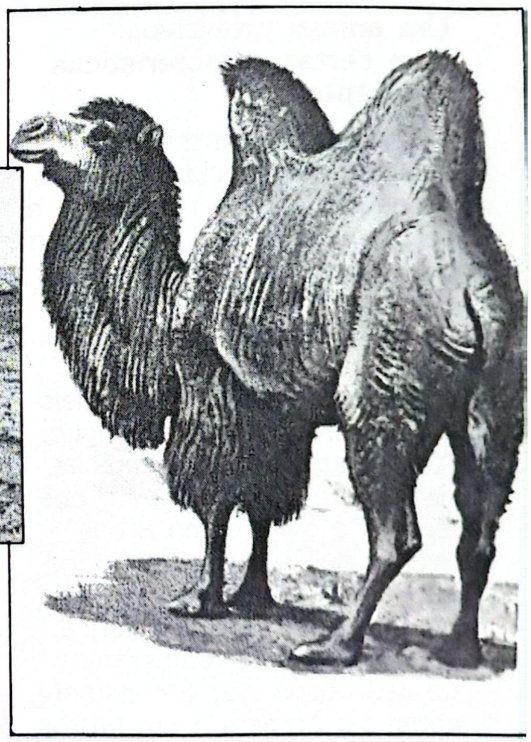
Como o camelo resiste às privações do deserto

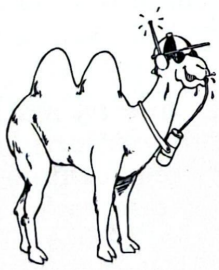
Os camelos, como o resto dos animais, necessitam de água para poder viver; e a água que ingerem, da mesma forma que os demais animais, eles a conservam nas células que formam os diferentes tecidos de seu corpo. Graças a isso e à sua adequada constituição orgânica, podem suportar dias de marcha através dos desertos sem tomar uma só gota de água, desde que, antes de começar a viagem, absorvam também uma considerável quantidade de sal, porque somente com o consumo de sal conseguem reter muitos litros de água sem sofrer transtornos corporais.

Acreditava-se, antigamente, que o camelo era capaz de armazenar consideráveis quantidades de água nos dois primeiros compartimentos de seu estômago; mas a água que carrega neles tem escassa influência. Mais importante é o papel que desempenha a giba, pois ela é quase inteiramente constituída de gordura que o organismo do camelo reabsorve quando necessita de alimento. Se o animal está muito bem nutrido, a giba cresce e parece uma pirâmide sobre seu dorso. Durante as longas jornadas, quando o alimento escasseia, o camelo emagrece e então a corcova diminui de tamanho até tornar-se flácida e quase colante ao dorso do animal.

Existem duas espécies distintas de camelo: o de uma







A deslumbrante visita da Rainha de Sabá a Jerusalém foi efetuada em lombos de camelos.

só giba, ou dromedário (camelus dromedarius), que habita na Arábia e outras regiões da Ásia Anterior, no norte da Índia, na Mongólia, no centro e no sul da Ásia e no norte e leste da África; e o de duas gibas (camelus bactrianus), ou camelo da Ásia Oriental, encontrado na China, Sibéria, Mongólia e Índia; é encontrado também nas elevadas e frias regiões do Tibete e da Tartária. Este último tipo de camelo é muito resistente às fortes e penetrantes ventanias e às baixas temperaturas.

Um animal primitivo com certas características dos répteis

O camelo tem milhares de anos de domesticidade... Seus ossos são finos e resistentes e se parecem com o marfim em densidade, dureza e brilho. Por isso o osso do camelo é usado em muitos lugares como substituto do marfim.

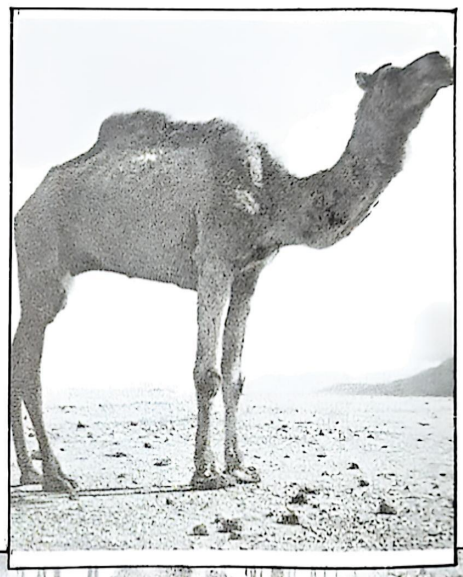
O traço peculiar do camelo é encontrado em seu sangue. A configuração das hemácias do sangue dos camelos e dos lhamas é oval, como a das aves e dos répteis. Em todos os demais mamíferos as hemácias têm forma esférica.

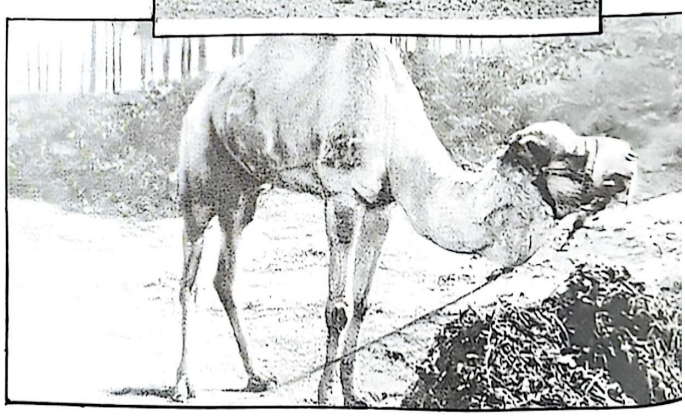
Além disso, a temperatura de seu corpo não é constante, como no homem e em outros mamíferos, dependendo mais da temperatura ambiente. No homem, a temperatura varia pouco mais de um grau, conforme ele esteja nos trópicos ou nas regiões árticas. No entanto, a temperatura do camelo pode diminuir vários graus no curso de vinte e quatro horas.

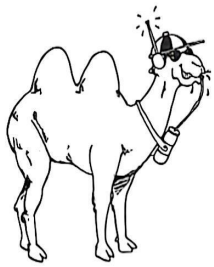
Seus pés têm apenas dois dedos e são revestidos por uma sola elástica que os impede de afundar na areia.

O camelo se alimenta de ervas amargas e de água salgada

A escassa vegetação do deserto constitui o alimento natural desses animais. Parece incrível que possa manter seu vigor com tão pobres recursos. Se o camelo necessitasse dos mesmos alimentos que o veado, a vaca ou a corça, a história da humanidade seria diferente. O homem teria demorado muito mais tempo para atravessar o deserto, pois não possuía veículos como hoje, e as estepes teriam sido uma barreira intransponível entre a Europa e a Ásia; ...os fenícios não teriam podido levar suas mercadorias até o litoral; o chá, as especiarias, as sedas e as jóias do Oriente jamais teriam chegado até nós se não fossem os camelos.



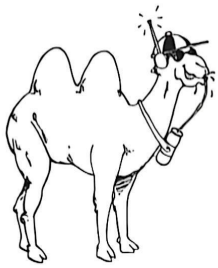


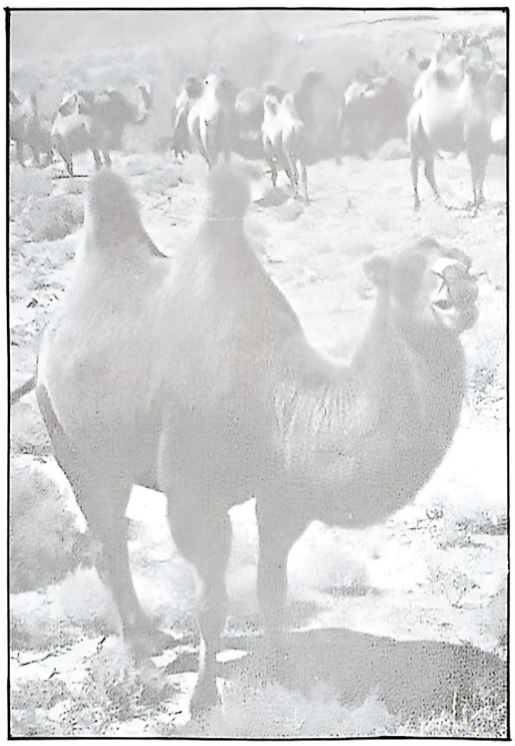


Antes que os mares fossem percorridos com regularidade, tudo o que vinha da Índia, China e demais países orientais para a Europa, era conduzido nos dorsos dos camelos.

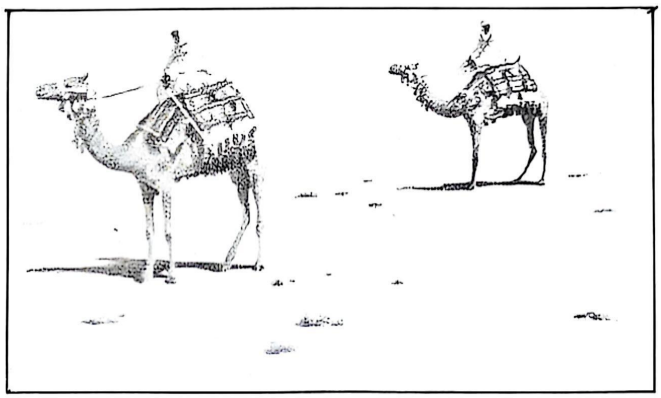
Não devemos esquecer-nos de que antes que os mares fossem percorridos com regularidade, tudo o que vinha da Índia, China e demais países orientais para a Europa era conduzido nos dorsos dos camelos, que eram capazes de digerir alimentos que, para qualquer outro animal de que se serve o homem, teriam sido mortais.

E tudo isso se fez debaixo de gritos de protesto e ataques de morte contra os





Freqüentemente os camelos tentam atacar os cameleiros, e com suas poderosas mandíbulas, produzem terríveis ferimentos.



homens que conduziam esses verdadeiros navios do deserto. Mas os condutores de camelos sempre tiveram uma lei própria e invariável. Sua divisa sempre foi o domínio do animal.

Ferocidade dos camelos

Os camelos costumam ser os animais domésticos menos dóceis, especialmente os camelos que no Oriente se destinam a trabalhos de carga. O dromedário, de passo mais ligeiro e destinado ao transporte humano, é um pouco mais dócil, embora tampouco seja sociável.

Freqüentemente tentam atacar os cameleiros e com suas poderosas mandíbulas produzem muitas vezes terríveis ferimentos. É possível que uma das causas da agressividade dos camelos seja os maus tratos recebidos de seus donos desde os tempos antigos, e que esse caráter se tenha condicionado à sua natureza como uma herança ou uma característica de sua espécie.

Há muito tempo, quando as tropas do governo britânico ocupavam a Índia, houve uma companhia que possuía um camelo indômito e feroz que matara dois homens. Seu condutor costumava contar com satisfação as "proezas" de seu camelo.

Certo dia estava contando essa mesma história a um oficial inglês, sem prestar atenção ao camelo, quando este investiu com força contra ele. O homem conseguiu pular para o lado, apanhou a cabeça do animal, sacudiu-a violentamente, e mordeu-o com força no focinho. O animal reconheceu seu amo, amansou-se e ficou quieto e dócil.

Fatos como este nos dão idéia de quanto deve ter sido difícil a expansão do povo árabe.

Os camelos lutam entre si utilizando seus dentes, mordendo e empurrando seu antagonista até derrubá-lo, quando então o golpeia com os joelhos até matá-lo.

É possível que no inacessível coração do Tibete ainda existam muitos camelos em estado selvagem, descendentes dos que em alguma época estiveram domesticados. Na Ásia Central há camelos selvagens, ferozes e astutos. Ninguém pode aproximar-se deles nos extensos areais. Há quem diga que procedem de outros que estiveram a serviço de uma civilização desaparecida, quando, a aproximadamente três séculos atrás, grandes tempestades de areia fizeram desaparecer muitos povos da Ásia. Os camelos selvagens podem descender dos que se salvaram dessas tormentas.

O CARÁTER QUE DEUS APROVA

Ellen G. White

A juventude precisa ser instruída com cuidado e oração, para que edifique o caráter sobre o permanente alicerce. A razão por que tantos cometem graves desatinos, é não darem ouvidos aos ensinos da experiência. O conselho dos pais e mestres é perdido para eles, e cedem às tentações do inimigo. Deus ama a mocidade. Neles vê grandes possibilidades para o bem, caso compreendam a necessidade que têm de Cristo, e construam sobre o firme fundamento. Conhece-lhes também as provações. Sabe que terão de combater contra os poderes das trevas que pelejam para adquirir domínio sobre a mente humana; e Ele abriu o caminho pelo qual os moços e as moças se podem tornar participantes da natureza divina....

É exigido perseverante esforço

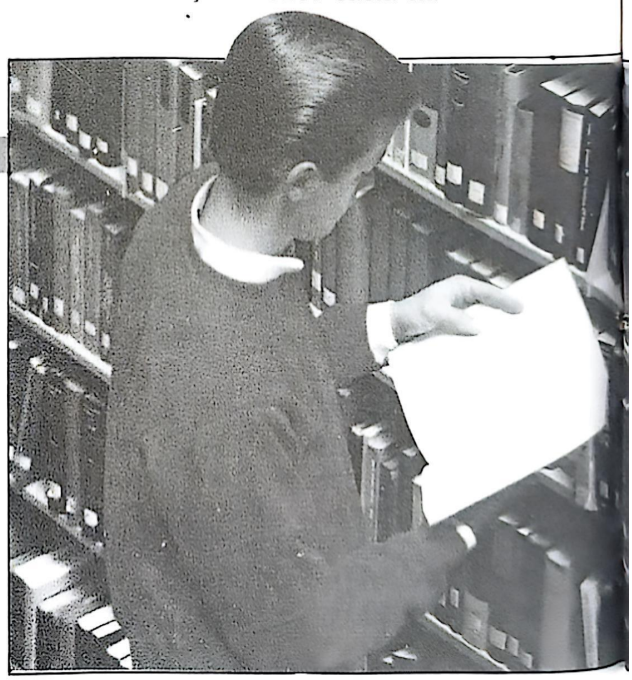
O caráter não é obra do acaso. Não é determinado por uma explosão de gênio, um passo dado em direção errada. É a repetição dos atos que faz com que isto se torne um hábito, moldando o caráter para o bem ou para o mal. Um caráter reto não se forma senão por meio de perseverante, incansável esforço, pelo aproveitamento de todo talento e aptidão de que se foi dotado para a glória de Deus. Em lugar de assim fazer, muitos se permitem flutuar ao sabor dos impulsos ou circunstâncias. Não por carência de bons dotes, mas porque não compreendem que Deus requer que, como jovens, procedam da melhor maneira.

Se a juventude de hoje deseja resistir à semelhança de Daniel, precisa exercitar ao máximo cada fibra, cada nervo espiritual. O Senhor não deseja que permaneçam noviços. Deseja que alcancem o mais alto lance da escada, para que daí penetrem no reino de Deus.

A influência das companhias

Os jovens que deixam o lar, não mais se achando sob o vigilante cuidado dos pais, ficam, em grande parte, na liberdade de escolher seus companheiros. Devem lembrar-se de que os olhos de seu Pai celeste se acham sobre eles, vendo cada uma de suas necessidades, cada uma das suas tentações. Encontram-se sempre nas escolas alguns jovens que, por sua maneira de proceder, mostram ter o espírito moldado segundo uma ordem inferior. Por uma educação menos sábia na infância, desenvolveram caráter unilateral; e, à medida que avançaram em anos, esses defeitos foram ficando para lhes arruinar a experiência. Essas almas, por preceito e exemplo, desencaminham os que são fracos em força moral.

O tempo é de ouro, queridos jovens. Não deveis pôr em risco as vossas almas semeando joio. Não vos podeis permitir descuidos quanto aos companheiros que escolheis. Atentai para o que há de nobre no caráter dos outros, e esses traços se vos tornarão uma força moral no resistir ao pecado e escolher o bem. Ponde alto o ideal. Vossos pais e mestres, que



Com Cristo trabalhando a nosso favor, é possível possuir um caráter aprovado por Deus

amam e temem a Deus, podem acompanhar-vos dia e noite com orações; eles vos podem advertir e suplicar. Mas tudo isto será em vão se escolherdes companheiros descuidados. Se não virdes nenhum perigo real, e pensardes que tendes tanto o direito de proceder bem como o de proceder mal, segundo vos parecer, não discernireis que o fermento da impiedade vos está insidiosamente infeccionando e corrompendo o espírito.

Cristo é nossa única esperança

Cristo foi afligido, insultado, maltratado; à esquerda e à direita era Ele assaltado por tentações, e todavia não pecou, antes apresentou a Deus obediência perfeita, inteiramente satisfatória. Removeu assim toda sombra de desculpa à desobediência. Veio para mostrar ao homem a maneira de obedecer, de observar todos os mandamentos. Lançou mão do poder divino, e é esta a única esperança do pecador. Deu a vida para que ao homem fosse possível partilhar da natureza divina, havendo escapado à corrupção que se encontra no mundo mediante a concupiscência....

Deus tem dado à juventude talentos que lhes cumpre desenvolver para Sua glória; muitos, porém, aplicam esses dons a não santificados e profanos desígnios. Muitos possuem aptidões que, ao serem cultivadas, produziriam farta messe de aquisições mentais, morais e físicas. Mas não se detêm a considerar. Não pensam o custo de sua maneira de proceder. Animam uma negligência e loucura que não dá ouvidos a conselhos ou reprovação. Isto é um terrível erro. Os jovens seriam sóbrios, se imaginassem que os olhos de Deus estão sobre eles, que Seus anjos estão observando o desenvolvimento do caráter e pesando o valor moral. MJ 163-165.

A ESCOLHA DOS COMPANHEIROS

Compilado por Matheus S. da Silva

"Misterioso é o laço que liga entre si os corações humanos, de modo que os gostos, os sentimentos e os princípios de duas pessoas ficam intimamente associados. Um apanha o espírito e copia as maneiras e as ações do outro. Como a cera toma a forma do sinete, assim a mente recebe a impressão produzida pelo intercâmbio e o convívio. Talvez a influência seja inconsciente, todavia não será menos poderosa." 1TSM 585.

"Todos encontrarão companheiros ou os farão. E exatamente na medida da força da amizade, será o grau de influência exercida pelos amigos uns nos outros, para o bem ou para o mal." Ibidem.

Qual o perigo da má companhia?

"Anda com os sábios e serás sábio, mas o companheiro dos tolos será afligido." Pv 13:20.

"Fosse a juventude persuadida a associar-se com os puros, os refletidos e amáveis, muito salutar seria o efeito. Caso se escolham companheiros que temam ao Senhor, a influência induzirá à verdade, ao dever, à santidade. Uma vida verdadeiramente cristã é uma força para o bem. Por outro lado, porém, os que se acompanham com homens e mulheres de moral duvidosa, ou de maus costumes e princípios, dentro em breve estarão andando nos mesmos caminhos. As tendências do coração natural são descendentes. Os que convivem com os céticos tornar-se-ão em breve céticos também; os que preferem a companhia dos vis, com certeza tornar-se-ão vis por sua vez. Andar no conselho dos ímpios é o primeiro passo para deter-se no caminho dos pecadores." 1TSM 585.

Quem devem ser nossos companheiros?

"Os Meus olhos procurarão os fiéis da Terra, para que estejam comigo; o que anda num caminho reto, esse Me servirá." Sl 101:6.

"Todos os que quiserem formar um caráter reto escolham companheiros de uma séria e refletida disposição de espírito, e que tenham inclinação religiosa....

"O bom nome é mais precioso do que o ouro. Há da parte dos jovens a tendência de se associarem com outros de espírito e moral inferiores. Que satisfação real pode uma pessoa jovem esperar da voluntária ligação com outras de baixa norma nas idéias, nos sentimentos e na conduta? Alguns têm gostos corrompidos e hábitos depravados e todos quantos buscam tais companheiros seguir-lhes-ão o exemplo....

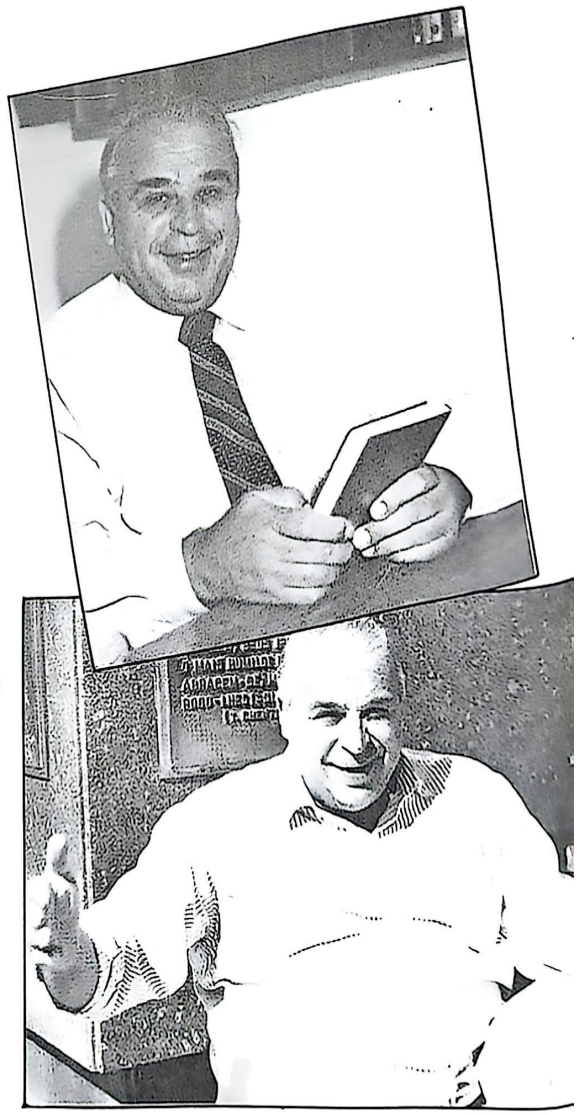
"Irmãos e irmãs, velhos e jovens, quando tiverdes uma hora de lazer, abri a Bíblia e entesourai na mente suas preciosas verdades. Quando empenhados no trabalho, guardai a mente, conservai-a firme em Deus, falai menos e meditai mais. Lembrai-vos de que: 'De toda palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no juízo.' Mt 12:36. Escolhei as palavras; isto fechará uma porta ao adversário de vossas almas. Que o dia comece com oração; trabalhai como diante de Deus. Seus anjos se acham sempre ao vosso lado, anotando vossas palavras, vosso comportamento, e a maneira em que fazeis o serviço. Caso vos desvieis do bom conselho, e preferirais associar-vos com os que tendes razão de suspeitar que não se inclinam para a religião, embora professem cristianismo, tornar-vos-eis em breve semelhantes a eles. Colocais-vos no caminho da tentação, no campo de batalha de Satanás e, a menos que estejais continuamente em guarda, sereis vencidos por seus ardis. Pessoas há que por algum tempo professaram ser religiosas e que estão, para todos os intentos e propósitos, sem Deus e sem uma consciência sensível. São vãs e frívolas; sua conversa é de baixo teor. O namoro e o casamento lhes ocupam o espírito, com exclusão dos pensamentos mais elevados e nobres." 1TSM 586 e 587.

Que o Senhor ilumine nossos queridos jovens para que temam ao Senhor e sejam sábios para escolher os companheiros.

JUVENTUDE DE ONTEM

BENJAMIM ZAITHAMMER

JUVENTUDE entrevistou o irmão Benjamim Zaithammer quando ele esteve aqui em São Paulo, por ocasião da assembléia reorganizadora da ASPA. Leia os seus depoimentos.



JUVENTUDE — *Qual é o seu nome completo, data de nascimento e filiação?*

BZ — Meu nome é só esse mesmo: Benjamim Zaithammer; nasci em 1.º de setembro de 1936, sou natural de Prudentópolis, PR, filho de Miguel e Vitalina Zaithammer.

JUVENTUDE — *Qual a origem do nome Zaithammer?*

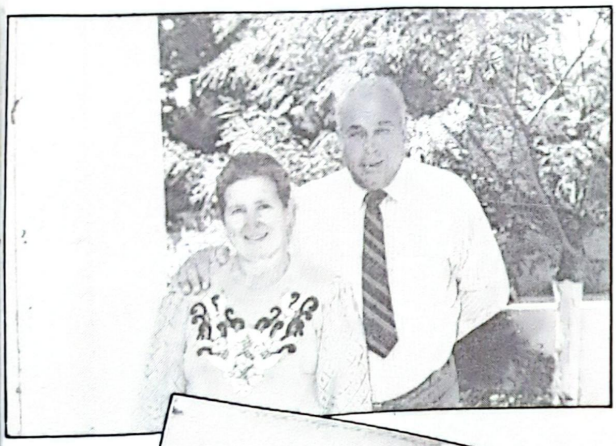
BZ — Como já devem ter deduzido, este nome é de origem alemã. Meu pai (já falecido) era do Estado de Santa Catarina e criou-se em São Bento do Sul, cujos habitantes eram 95% de origem alemã. Inclusive meu pai, quando veio residir em Prudentópolis, não sabia falar quase nada do Português.

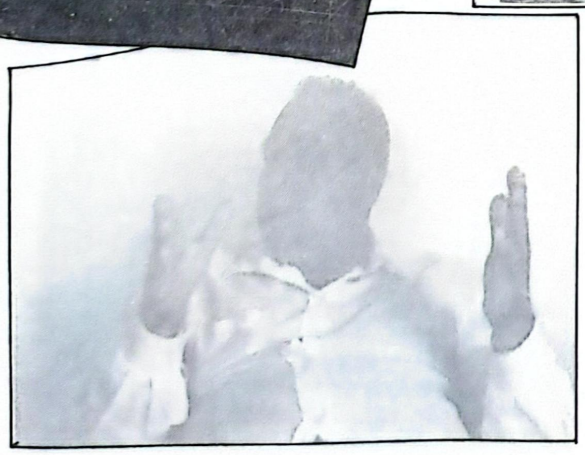
JUVENTUDE — *Com que idade conheceu o Movimento de Reforma?*

BZ — Minhas primeiras impressões religiosas foram através da família Jorge Grus, devido à minha amizade com seu filho Daniel. O irmão Jorge muito me falou de religião, mas eu pensava que ele era simplesmente judeu e por isso não trabalhava no Sábado. Naquela época eu tinha apenas vinte e oito anos. Hoje me recordo com saudades de suas palavras.

O irmão Osvaldo Thomé também me falou do evangelho em 1965. A família Thomé era recém-conversa, e sofreram grande prova aqui em Prudentópolis, pois, o povo era muito católico. Fiquei surpreso e abismado porque perseguiam os crentes; fiz amizade com eles e logo aceitei a mensagem também.

Outra pessoa que muito me ajudou foi o irmão Henrique Vitorino de Oliveira (já falecido). Era um dos pioneiros e companheiro do irmão André Lavrik; este, numa ocasião ficou 45 dias em minha casa. Todas as horas de folga e à noite ele ensinava-me a mensagem. Espero revê-lo muito em breve.





JUVENTUDE — *Sua formação escolar e sua primeira atividade profissional?*

BZ — Estudei em Prudentópolis até o 2º grau completo. Minhas primeiras atividades profissionais desempenhei no Banco Bamerindus, onde trabalhei 23 anos consecutivos e pude adquirir certa especialização contábil.

JUVENTUDE — *O irmão é casado? Tem filhos?*

BZ — Casei-me no dia 3 de março de 1962 e no dia 13 de fevereiro de 1966 minha esposa e eu fomos batizados pelo pastor Alfons Balbach. Minha esposa — Neiva Maria, é muito dedicada ao estudo da Palavra de Deus o que solidifica nossa união cada dia. Ela é professora aposentada e responde pelo ensino das crianças em nossa igreja de Prudentópolis. Temos cinco filhos: Edimara, Edinilson, Edinei, Edilvana e Edilermey; todos são bancários e apreciadores de nossa doutrina.

JUVENTUDE — *Tem algum cargo na igreja local ou na APASCA?*

BZ — Sim, sou o responsável pela tesouraria da igreja de Prudentópolis há 21 anos consecutivos e na Associação Paraná, Santa Catarina auxilio o irmão Manuel Carvalho no Departamento de Mordomia.

JUVENTUDE — *O que diz do Movimento de Reforma ao longo destes 25 anos de crença?*

BZ — Nunca tive sombra de dúvida ou me arrependi da decisão que tomei. Foi a coisa mais acertada em minha vida. No primeiro amor a gente só é feliz na fé, nada mais. Hoje tenho conhecimento profundo e estruturado na Verdade. Acredito que se a Igreja da Reforma desaparecesse devido à falta de liberdade religiosa eu me salvaria pela fé e pelo conhecimento desta doutrina que está gravado na minha mente.

JUVENTUDE — *O irmão possui os livros do Espírito de Profecia?*

BZ — Sim, quase todos, minha esposa e eu lemos bastante; os livros que mais gostamos de ler são "O Desejado de Todas as Nações" e "Atos dos Apóstolos".

JUVENTUDE — *O que o irmão tem a dizer da cozinha vegetariana?*

BZ — É uma bênção; minha esposa é ótima cozinheira; os pratos que ela faz são bons para a saúde e apetitosos, sou um grande apreciador dos pratos dela.

JUVENTUDE — *O que acha dos jovens reformistas?*

BZ — É difícil para eles suportar as tentações do mundo; há jovens em nossa igreja que são verdadeiros exemplos, conheço alguns deles e posso até citar alguns nomes. Meu voto é que eles sejam mais dinâmicos na seara do Senhor.

JUVENTUDE — *Que palavra o irmão gostaria de dizer aos jovens de hoje?*

BZ — Apelo a todos os irmãos e irmãs (filhos de Israel), que nada vos separe do amor de Cristo. Está muito perto de nós conhecermos nosso Salvador e nosso anjo da guarda quando formos à Nova Jerusalém, onde moraremos sem mais separação. Amém.

MINHA MÃE

Tive? Tenho? Por Quanto Tempo a Terei?

Isaías Lima

Entre as primeiras palavras aprendidas por uma criancinha se encontra o vocábulo mãe. Ela o pronuncia com sentimento de segurança e a mãe o ouve tão prazeirosa como se fosse um sublime cântico. Para uma verdadeira mãe, aquela que compreende com profundidade o sentimento do seu privilégio e missão, não existe música de tão celestial beleza como o balbuciar meigo de seu filhinho: mamãe! Se ele o pronuncia debilmente ou gritando, rindo ou chorando, essas variações em nada alteram o pronto atendimento daquela que está disposta a tudo revelar, contanto que o coraçãozinho do bebê continue palpitando sempre em coligação com o seu próprio. Seus ouvidos estão em perene sintonia com as palavras em aprendizado; seus olhos em constante vigilância a todos os movimentos do infante; seu sono é muito leve porque o nenê precisa estar em condições que lhe favoreçam um tranqüilo repouso noturno. A nenhum sacrifício se exime a boa mãe a fim de proporcionar ao filho o melhor bem. A ele dá o que tem e até o que não possui; dá-se a si mesma; faz uma obra análoga à do Filho de Deus.

Assim são quase todas as mães; assim foi a minha. Foi e não mais é porque concluiu a sua missão e dominou-a o doce repouso da longa noite. Bem, não chegou a concluir a sua missão, pois teve que depor a vida quando a sua sexta herança contava apenas quatro anos. Assim aprouve, contudo, Àquele cuja honra era o objeto principal das suas mais caras afeições.

Mas não são as mais nobres as atenções em prol do bem-estar físico dos filhos. A mãe é infinitamente mais dignificada pelo seu paciente labor em benefício da formação moral e espiritual daqueles que lhe foram dados pelo Senhor. Lembro-me agora de um pequeno incidente na minha vida: Transcorria o ano de 1955 e eu estava fazendo a 2ª série ginasial; gostava muito de Geografia e, modéstia à parte, sei que o professor da matéria me tinha em boa estima. Para uma das provas mensais fui tentado a preparar uma "cola" ao invés de estudar; as questões estavam solucionadas pela "cola", de modo que eu a utilizei, mas não fui bem sucedido nesse ato; o professor, hábil em disfarçar sua vigilância, criou condições em que eu, "marinheiro de primeira viagem", tranqüilamente desenvolvia a prova; afinal dirigiu-se calmamente a mim e sem uma palavra tomou-me a prova e a "corrigiu", dando-lhe a nota: um zero do tamanho da folha. Foi-se a minha reputação perante ele. Como enfrentar no fim do mês os meus pais, quando

deveriam assinar a caderneta à vista das notas obtidas? Eu era ambicioso por notas elevadas e gostava, por vaidade, de disputá-las com dois ou três colegas da classe, de forma que mamãe estava acostumada a ver muitas notas máximas e entre elas estava agora uma nota nula. Durante todo o mês pedi ao

professor que me desse notas nos mapas que eu fazia com muito esmêro e me chamasse para exames orais, mas ele nada disso fez, alegando sempre alguma impossibilidade. A realidade era o seu desejo de vingar-se de mim porque eu o procurei enganar. Não consegui de forma alguma impedir que o zero aparecesse na caderneta. Quase adoeci, temendo a ira de mamãe, mas era necessário apresentar a ela ou a papai a caderneta. Tremendo, quase chorando, cheguei-me a ela e lha entreguei.

— Zero em Geografia?! Por quê? Que fez você?!

Fui obrigado a confessar-lhe o delito. Para surpresa minha mamãe não me surrou, não se exasperou comigo, não me castigou com nada, mas fez algo mais do que tudo isso em conjunto me poderia corrigir: limitou-se a dizer-me com voz meiga e triste, mas solene:

— Filho, não mais faça isso; prefiro que você ganhe nota zero por ignorância antes que por "cola"; você sabe que isso é desonestidade? Procurou enganar o professor e "colando" está enganando-se a si mesmo, adquirindo uma nota que não merece; isso é pecado, também. E agora esse zero na caderneta, que vergonha para você e para nós! Quero que você me prometa nunca mais fazer isso.

Foi tão grande o meu alívio do temor do castigo, que prontamente lhe fiz a promessa, sem pensar. Soavam forte depois as suas palavras e até hoje retinem vividamente em meus ouvidos. Nunca mais "colei" através dos restantes anos de minha curta carreira escolar, porque a lição que mamãe me deu foi eficientíssima. Expôs-me os princípios da lealdade.

Mães: Quereis que os vossos filhos sejam homens e mulheres bons e úteis à sociedade? Que desgostos não vos causem? Dialogai com eles, expondo-lhes a realidade sempre; procurando dar-lhes a compreensão dos motivos da obediência que exigis. Nenhuma lição que derdes com sabedoria e abnegado interesse será esquecida.

A Bíblia menciona centenas de grandes homens à vista de Deus e dos seus semelhantes, mas poucas mulheres. A realidade é, porém, tenho certeza, que quase todos tiveram mães tão nobres como eles mesmos.

Estimados jovens: Se tendes mãe bem-aventurados sois. Não há quem melhor vos possa assistir nas horas mais sombrias da vida; quem mais acertadamente vos aconselhe em face de dúbios caminhos; quem mais se ressinta quando ofendidos; quem mais se envaideça quando sois colocados em quaisquer posições de honra. É ela o elo de ligação entre vós e a vida não só quando tomastes o primeiro fôlego, mas também durante toda a vossa vida. Que significado tem isso para vós? Dareis à vossa mãe aquilo a que ela tem direito: primeira atenção, supremo amor, total obediência?

Nós, órfãos de mãe, somos aleijados; caminhamos

sofregamente; falta-nos o bordão que nos susteria em grande parte diante dos furacões da vida. Bem-aventurados os que foram privados de sua mãe já no meridiano da vida ou, pelo menos, após cruzar os anos finais da adolescência. Entre esses me encontro eu. Trazemos indeléveis os ensinamentos da nossa boa mãe. Lembramo-nos vividamente dos castigos a que fazíamos juz; recordamo-nos das lágrimas vertidas

A Bíblia menciona centenas de grandes homens à vista de Deus e dos seus semelhantes, mas poucas mulheres. A realidade é, porém, tenho certeza, que quase todos tiveram mães tão nobres quanto eles mesmos.

perante o Senhor em suas orações em nosso favor. Se, finalmente, formos salvos e estivermos no reino da Glória, alimentamos a esperança de nos revermos e estarmos juntos por toda a eternidade.

Se tendes mãe, não sabeis por quanto tempo ainda a tereis, portanto dai-lhe o melhor trato. Lembrai-vos, jovens, principalmente as moças e as jovens mães: "Com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo". Lc 6:38. Recordai-vos do segundo grande mandamento: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Nosso próximo mais próximo é a nossa mãe.

Na segunda década do nosso século uma jovem americana, Ana Jarwis, natural do Estado de Filadélfia, ao perder sua mãe pensou em homenagear todas as mães do mundo. Por seu incentivo, todas as igrejas americanas adotaram o costume de dedicar um dia no ano às mães. Finalmente, em 1914, o presidente Wilson decretou que o segundo domingo de maio deveria ser o Dia das Mães em todo o território

nacional. Hoje todo o mundo cristão comemora esse dia.

Não nos limitemos a dar à nossa mãe um preito de louvor apenas no segundo domingo de maio, mas que cada dia do ano lhe seja o seu dia.

Porta-rolos de Papel

Material usado:

1 tira de tecido ou plástico de 1,5 m de comprimento por 15 cm de largura. Este tecido pode ser xadrez ou estampado;

3 metros de bordado inglês branco ou renda;

1 argola grande de plástico;

20 cm de fita da cor que predomina no xadrez;

agulha e linha.

Modo de fazer:

Faça a bainha da tira e pregue a renda ou o bordado inglês; dobre a tira e marque com um rolo de papel higiênico o tamanho necessário para guardar cinco rolos; a ponta que sobrar deverá ser virada para prender a argola. Com a fita, faça um laço e pregue no centro da parte da tira que prende a argola.

VAMOS CANTAR

JESUS CRISTO MUDOU MEU VIVER

C B/G
Jesus Cristo mudou meu viver;
Am F G
Jesus Cristo mudou meu viver;
C B/G Am
Ele é a luz que ilumina meu ser.
Dm Em F G C
Sim, Jesus Cristo mudou meu viver.
C B/G
Diferente hoje é meu coração;
Am F Fm
Diferente hoje é meu coração;
C B/G Am
Cristo deu-me paz e perdão.
Dm Em F G
Sim, diferente hoje é meu coração.
F Fm
O amor só conheci em canções
C B/G Am
Que falavam de ilusões;
Dm
Tudo agora é diferente;
Isso falo a toda gente,
F Dm G G7
Pois Cristo deu-me Seu amor.
Diferente hoje é meu coração;
Diferente hoje é meu coração...

Bettânia Silva

DESEJOS

Juracy J. Barrozo

Sentado ao banco, ouvi uma voz complexa.
Um místico augúrio e a dor profunda
Que acrisola, e minha alma genuflexa,
Curva-se reverente, em oração profunda.

Era linda noite, e a luz convexa,
Do luar de prata que a Terra inunda,
Os traços rutilantes e a forma anexa,
Do maravilhoso disco, fria e jucunda.

Na minh'alma, a tristeza sôfrega passara,
Ante a angustiosa oração que expressara
A Onipotência amante e divinal.

Eu era pequeno, tenro, no entanto amara,
E a doce esperança no coração guardara,
Morar com Jesus, no Céu, livre do mal.

COMO INICIAR BEM?

Elizeu N. Silva

O primeiro dia no primeiro emprego é uma experiência comum a quase todo mundo: de manhã você acorda bem cedo, às vezes até muito antes do que precisaria, mas como não pode atrasar-se por nada deste mundo, não consegue dormir muito. Faz uma boa higiene, escolhe bem as roupas, toma um lanche reforçado — já que você não sabe a que horas poderá almoçar — e antes de sair de casa, cai de joelhos, pedindo que Deus o ajude muito naquele dia. Afinal, a ansiedade é muito grande, e o medo do desconhecido faz com que seu coração funcione descompassado e suas mãos fiquem frias o tempo todo.

Pouco tempo depois, você

está na condução, surpreso como cabem tantas pessoas num mesmo ônibus. Às vezes, sente até um pouquinho de inveja de seu companheiro de banco, que não está nada tenso por estar indo para o trabalho; mas logo você se lembra de que a ansiedade é passageira, que com pouco tempo estará tão acostumado com o emprego, que conseguirá até dormir dentro do ônibus. O melhor mesmo é ir prestando atenção à viagem, pois daí em diante este será seu percurso diário. Você fez um bom curso, obteve boas notas nos testes e deu-se muito bem no estágio. Na classe, você sempre foi um dos melhores. Não há por que ficar nervoso. Não será problema nenhum esta nova circunstância.

Pois bem, agora você já está em frente a firma. Em pensamento volta a pedir a ajuda de Deus, ajeita a camisa, passa a mão nos cabelos, dá uma olhadinha no sapato e vê que está tudo ok. Então, respira fundo, faz pose e vira a maçaneta da porta com firmeza... mas ela não se abre. Também, pudera! São pouco mais de sete e vinte e o expediente começa somente às oito! Tudo bem, o jeito é dar uma volta e esperar.

Isso não aconteceu ou acontecerá apenas com você. Muito mais gente do que você imagina experimenta estes momentos de tensão quando vai começar a trabalhar. O que você mais precisa nessas circunstâncias é paciência. Paciência para aguardar o gerente, que disse precisar conversar com você antes do início do trabalho; paciência quando ele não o apresenta a seus futuros colegas; paciência e atenção enquanto ele lhe explica algumas regras da empresa; finalmente, quando você já está pensando que passará o dia todo escutando e lendo um monte de informações sobre a empresa e seu ramo de negócio, o gerente o leva para aquele que será o seu setor de trabalho e o apresenta ao chefe. "Agora sim", você pensa, "agora vou poder mostrar o que aprendi na escola".

Sim, realmente agora é o momento, mas tenha cuidado. Primeiro escute tudo o que seu chefe está explicando, mesmo que você não consiga decorar tudo de uma só vez — aliás, nem tente fazê-lo; ele também sabe que você não conseguiria. Depois de

explicar um montão de coisas complicadas, seu chefe lhe dá uma tarefazinha bem simples, que mais dá vontade de rir do que fazer. Mas tenha calma; logo que você começar a fazer, perceberá que a coisa não é tão simples assim, e daí surgirão dúvidas. Não hesite então. Pergunte. É muito melhor perguntar do que ficar tentando adivinhar, pois você pode adivinhar errado. Outro fator importante, é que, enquanto você pergunta ao seu chefe ou ao colega mais

Normalmente, o primeiro dia não permite brincadeiras com os colegas, pois você não os conhece ainda e pode acabar levando um "fora".

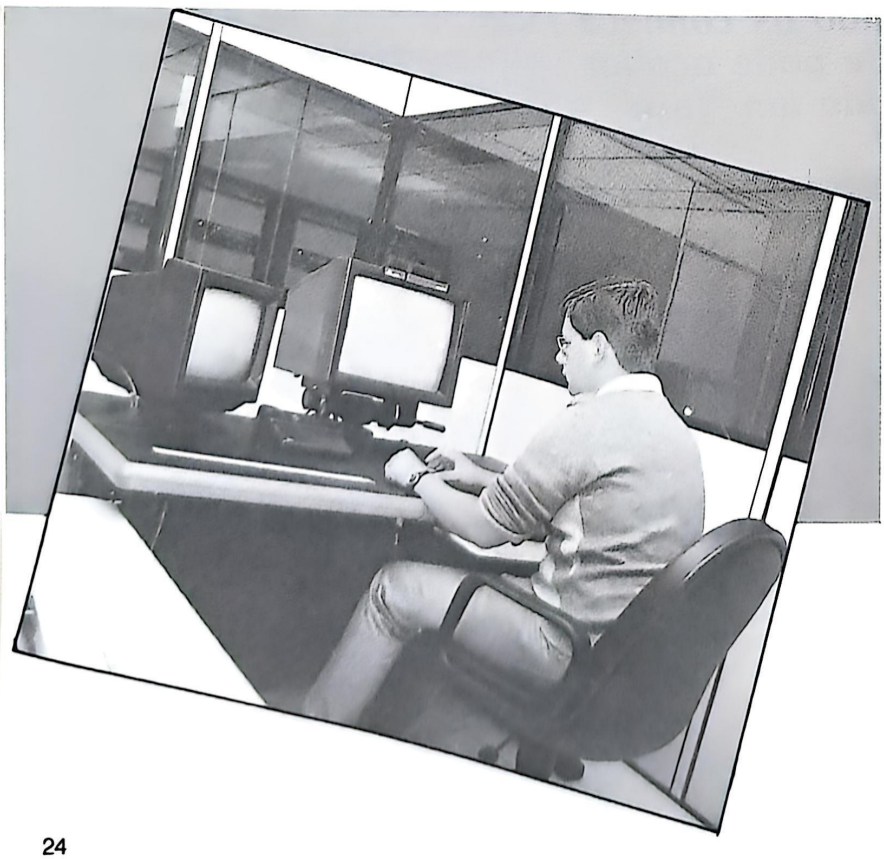
experiente, você está abrindo o diálogo, e isto é fundamental para o sucesso em qualquer emprego.

Se você for uma pessoa que gosta de observar as coisas, logo perceberá que, à medida que conclui os trabalhos, seu chefe lhe passa uma tarefa mais difícil e de maior responsabilidade. Isso é muito bom sinal — ele está testando sua capacidade. Por isso capriche ao máximo em qualquer tarefa.

Normalmente, o primeiro dia não permite brincadeiras com os colegas, pois você não os conhece ainda e pode acabar levando um "fora". Mas isso não impede também que você mantenha uma postura amigável, de simpatia e bom humor. É bem possível que os colegas veteranos queiram fazer alguma brincadeira com você, dando sumiço à sua bolsa, ou mesmo encomendando-lhe uma "pedra de amolar pincel" A receita é sempre a mesma — manter a calma e o bom humor. Logo eles se acostumarão com você e certamente o convidarão para participar da recepção do próximo novato.

Em muitas funções, o vestuário é peça fundamental. Mas use sempre o bom senso: gravata e paletó só se você foi admitido como gerente.

Em muitas funções, o vestuário é peça fundamental. Na escola, você está acostumado ao uniforme e ao tênis, mas esta roupa não é muito bem aceita em alguns lugares. Isso não quer dizer que, para trabalhar num banco, por exemplo, você tenha de engravatar-se de uma hora para outra, ou meter-se num terno de ótimo corte para enfrentar o dia-a-dia. Nada disso. É preciso apenas bom senso. Roupas sociais leves são bem vistas para qualquer trabalho de escritório. Gravata e paletó só se você foi admitido como gerente, ou se a empresa exigir. Para trabalhos que exijam um maior esforço físico, que molhem a camisa, é melhor uma roupa mais simples e mais resistente, que dê conforto e segurança enquanto se trabalha.



É lógico que estas dicas não se aplicam a todos os casos, nem tivemos a intenção de criar um conjunto infalível e inflexível de regras de comportamento para o primeiro dia em seu primeiro emprego, ou mesmo quando você está iniciando num emprego novo. Nada disso. A regra infalível fica por conta da Bíblia: "Mas, como é santo Aquele que vos chamou, sede vós também santos em todo o vosso procedimento". (1Pe 1:15).

Acima de tudo, nós, cristãos, devemos ser luzes onde andamos. O apóstolo Paulo chama-nos "cartas de Cristo, conhecidas e lidas por todos os homens, e escritas, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo..." 2Co 3:2 e 3. Oremos a Deus para que Ele nos ajude a manter uma conduta irrepreensível em qualquer circunstância, todos os dias.

PERDÕES & PEDRAS

Adaptado por
Elizabeth Toledo C.

Disse alguém: "A vingança não é justiça. O ódio não é civilização."

Que fácil é exacerbar as paixões! Que incêndios podem resultar dos discursos para reclamar vingança! Inclusive utilizando argumentos religiosos se chega a justificar a morte de "um blasfemo".

Assim pensavam também os fariseus. Eles eram os vigias da moral, os pretensos guardas das boas condutas, os pregadores de todos os mandamentos da lei.

E em nome destes "sacrossantos princípios" conduzem uma mulher apanhada em adultério à presença de Jesus.

A lei era clara: devia morrer apedrejada em praça pública. E com hipócrita manifestação de respeito, disseram a Jesus: "Na lei nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes?"

Mas a atitude de Jesus os perturba. Ele não veio para castigar, senão para corrigir. Ele prefere a misericórdia, o perdão, a aceitação, o coração arrependido e humilde. "É o próprio Deus a fonte de toda a misericórdia. Seu nome é 'misericordioso e piedoso'. Êxodo 34:6. Ele não nos trata segundo os nossos merecimentos. Não indaga se somos dignos de Seu amor, mas derrama sobre nós as riquezas desse amor, a fim de fazer-nos dignos. Não é vingativo. Não busca punir, mas redimir. Mesmo a severidade que mostra por meio de Suas providências, é manifestada para salvação dos extraviados. Intensamente anela Ele aliviar as misérias dos homens e aplicar Seu bálsamo às suas feridas. É verdade que Deus 'ao culpado não tem por inocente' (Êxodo 34:7); mas Ele deseja tirar a culpa." RSM 25.

Jesus combateu tenazmente a hipocrisia. Este é um pecado que Ele denuncia sempre. Especialmente dos que parecem sepulcros caiados ou dos que atam pesadas cargas sobre os ombros alheios, mas eles mesmos nem com o dedo mexem nada.

Por isso lhes responde de maneira clara: "Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela."

"Os acusadores haviam sido derrotados. Então, rotas as vestes da pretendida santidade, ficaram, culpados e condenados, em presença da infinita pureza. Tremeram de que as ocultas iniqüidades de sua vida fossem expostas à multidão; e um a um, cabisbaixos e confusos, foram-se afastando silenciosos, deixando a vítima com o compassivo Salvador." DTN 461.

Fantástica lição! Infelizmente ainda não a aprendemos. Vivemos apontando com o dedo aos que caem, mas não os ajudamos a levantar. Acusamos aos que se equivocam, mas não mostramos caminhos à verdade.

Com facilidade mostramos as debilidades dos outros, mas não sabemos reconhecer as nossas.

O coração se nos endurece. A alguns inclusive a misericórdia lhes parece uma virtude covarde ou débil. O perdão os faz lutar com a justiça. "Jesus nos ensina que só poderemos receber o perdão de Deus se também nós perdoamos aos outros. É o amor de Deus que nos atrai para Ele, e esse amor não nos pode tocar o coração sem criar amor por nossos irmãos.

"Terminando a oração do Senhor, Jesus acrescentou: 'Se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas.' *Aquele que não perdoa, obstrui o próprio conduto pelo qual, unicamente, pode receber misericórdia de Deus.* Não deve pensar que, a menos que os que nos prejudicam, confessem o erro, estamos justificados ao privá-los de nosso perdão. É dever deles, sem dúvida, humilhar o coração pelo arrependimento e confissão; mas devemos ter um espírito de compaixão para com os que pecaram contra nós, quer confessem quer não as suas faltas. Embora eles nos tenham ferido cruelmente, não devemos nutrir nossos ressentimentos, apiedando-nos de nós mesmos pelos males que nos são causados; mas, como esperamos nos sejam perdoadas nossas ofensas contra Deus, devemos perdoar a todos os que nos têm feito mal." RSM 96 e 97.

A bondade se encontra com a eficácia. Em nome da disciplina, da ordem, da moral, da produção ou do rendimento, se põe de lado o objetivo do Evangelho.

"Nem Eu também te condeno" disse Jesus à mulher, "Vai-te, e não peques mais." Esta é a conclusão do Mestre. Rejeição ao pecado. Amor ao pecador. O homem justo e correto sabe compreender ao que tem caído. Não lhe lança a lei pela cabeça. O pecador está em primeiro plano. Sobre tudo!

"Não é seguidor de Cristo aquele que, desviando os olhos, se afasta do transviado, deixando-o sem advertência prosseguir em sua degradante carreira. Os que são mais prontos em acusar a outros e zelosos em os levar à justiça são freqüentemente em sua própria vida mais culpados que eles. Os homens aborrecem o pecador, ao passo que amam o pecado. Cristo aborrece o pecado, mas ama o pecador. Será esse o espírito de todos quantos O seguem. O amor cristão é tardio em censurar, pronto a perceber o arrependimento, pronto a perdoar, a animar, a pôr o transviado na vereda da santidade e a nela firmar-lhe os pés." DTN 462.

Johan Sebastian Bach

O MENINO DA TURÍNGIA —III

Opal Wheeler
e Sibil Deucher

Mais um capítulo da biografia do grande musicista Johan Sebastian Bach.

Sebastian não se atrevia a responder e procurava tocar melhor para que seu irmão não descobrisse o segredo.

Todas as noites em que havia lua, ele descia silenciosamente a comprida escada e, tremendo de frio, apanhava o livro, copiava as notas o mais depressa que podia, punha o livro no lugar e caía pesadamente na cama.

Cristóvão não conseguia compreender os olhos vermelhos e inchados do irmão mais novo, que freqüentemente adormecia no meio da lição.

Durante seis longos meses, Sebastian trabalhou, chegando finalmente a noite em que a grande tarefa havia terminado.

Quando pôs o livro de música pela última vez no armário, disse consigo mesmo:

"Ele agora é meu! Vou tocar nota por nota!"

Seria capaz de gritar de

alegria só ao pensar no tesouro que era agora realmente seu! Pôs as músicas embaixo do travesseiro e dormiu profundamente.

Na noite seguinte, quando o irmão estava na igreja tocando órgão num serviço especial, Sebastian correu para o cravo com a cópia do livro e estudou a música. Logo depois, ouvindo passos, fugiu rapidamente no momento em que Cristóvão abria a porta.

No outro dia, o irmão mais velho foi de novo à igreja e Sebastian tocou outra vez a música, conseguindo também fugir a tempo.

Mas, na terceira noite, a porta abriu-se subitamente e Cristóvão apareceu, zangado como Sebastian jamais o tinha visto.

"Que significa tudo isso? Você tirou o livro e copiou a música? Nesse caso, muito bem. Entregue-a já!"

Sebastian não conseguia sair do lugar. Temia que o irmão lhe tirasse realmente a coisa que para ele significava mais de que tudo.

Cristóvão arrebatou-lhe a cópia da música.

"Não! Não! Não me tire a música! Não me deixe sem ela!"

Mas Cristóvão não prestava atenção ao tremor do irmão. Saiu da sala com a música debaixo do braço.

"Isso lhe servirá de lição, uma lição que você não esquecerá tão cedo. Não quero saber de desobedientes em minha casa."

Naquela noite, o rapaz não dormiu, e, em todo o dia seguinte, não pensou em outra coisa que não fosse o tesouro que lhe havia sido arrebatado.

Uma velha mulher que fazia o serviço de casa ficou preocupada com o seu ar infeliz. Afagou-lhe bondosamente a cabeça e disse:

"Não se importe, menino, algum dia ele haverá de devolver-lhe a música."

Naquela manhã mesma, quando não havia ninguém por perto, Sebastian aproximou-se tristemente do cravo. Como eram as melodias? Tentou executá-las.

Como? Lembrava-se de todas? Seus dedos deslizavam pelas teclas, e a música fez que a velha empregada viesse correndo escutá-la. Ele conseguia tocar todas as notas! Não precisava mais ficar triste, agora, porque as melodias copiadas durante aqueles longos meses estavam seguramente guardadas na sua cabeça, de onde ninguém mais poderia arrancá-las!

Agora Sebastian sabia que precisava encontrar um jeito de continuar seus estudos de música.

Foi procurar o diretor do liceu para pedir-lhe ajuda.

"Em Lüneburg, Sebastian, existe a esplêndida escola coral de São Miguel, onde você poderia estudar. Com a boa voz que você tem, poderá talvez cantar na igreja. E o seu bom amigo, o Erdmann, também está com muita vontade de estudar. Por que vocês dois não vão juntos para lá?" perguntou o diretor.

Para Lüneburg? Mas Lüneburg ficava tão longe de Ohrdruff! Se ele não tinha dinheiro, como poderia ir? De Cristóvão não receberia ajuda, porque ele tinha filhos e encontrava dificuldade em sustentá-los. E, mesmo que houvesse jeito de ir para lá, como poderia ter certeza de que seria aceito na escola?

Para Sebastian, só havia uma coisa a fazer. Caminhar muitos quilômetros através de más estradas, até a escola de São Miguel, em Lüneburg...

Certa manhã, bem cedo, mesmo antes de o Sol aparecer, Sebastian e seu amigo Erdmann já estavam na estrada, rindo e conversando alegremente.

"Vamos ver até onde seremos capazes de ir num só dia", propôs Sebastian ao começarem a marcha pela íngreme encosta.

Estavam a caminho de Lüneburg, onde esperavam que os bons monges de São Miguel os aceitassem na escola. A viagem era comprida, e os meninos não tinham dinheiro e só levavam bem pouca comida. Sentiam-se, porém, muito contentes, porque estavam numa grande aventura.

Viajavam através das belas regiões campesinas da Turíngia. Mal clareava o dia, já os camponeses germânicos passavam, nos seus carros pesados, a caminho dos mercados próximos. Os sinos do campanário, em alguma velha igreja, soavam pelo vale, despertando os aldeões para o novo dia.

Atravessaram vastos campos de urzes em flor, regados aqui e ali por estreitos riachos, que, por

vezes, interrompiam a estrada.

Já passava muito do meio-dia quando pararam à sombra de um grande pinheiro, para descansar e comer um pouco de pão preto e salsicha que tinham trazido para a viagem. O tempo era pouco para descansar, porque havia muitas milhas à frente. Por isso, logo recomeçaram a andar pela estrada poeirenta.

"Olhe, Sebastian", apontava Erdmann, "lá vem um velho, naquele carro puxado a mula. Ah! Se ele se lembrasse de nos convidar para ir em sua companhia!"

A mula subiu a colina a trote e parou ao alcançar os meninos. O velho saudou-os.

"Vêm de longe? Parecem bem cansados. Se vão para onde eu vou, será melhor subirem e viajarem comigo."

"Oh! muito obrigado, senhor. Nós estamos a caminho de Lüneburg", respondeu Sebastian.

"De Lüneburg? Ora, ora! Mas é muito longe! Cerca de trezentos quilômetros! Eu não vou até lá, mas levarei vocês até à primeira encruzilhada."

Como era bom andar de carro, nem que fosse um pouquinho só!

Mas a encruzilhada chegou, e depressa. Eles agradeceram ao bondoso velho e se viram de novo sozinhos na estrada.

Ao cair o sol a temperatura baixou e os meninos se abrigaram num velho estábulo. Mergulharam no feno e logo adormeceram.

Ouça-me Só Um Momento, Por Favor

Colaboração de
Débora Lima

Quando você se levantou pela manhã, Eu já havia preparado o Sol para aquecer o seu dia, e o alimento para sua nutrição. Sim, Eu providenciei tudo isso enquanto vigiava o seu sono, sua família e sua casa. Esperei pelo seu "Bom Dia", mas você se esqueceu...

Bem, você parecia ter tanta pressa que Eu perdoei. O Sol apareceu, as flores ofereceram o seu perfume, a brisa da manhã o acompanhou e você nem se lembrou que Eu havia preparado tudo para você. Seus familiares sorriram, seus colegas o saudaram, você trabalhou, estudou, viajou, realizou negócios, alcançou vitórias, mas não percebeu que Eu estava cooperando com você, e mais teria ajudado se me tivesse dado a chance... Eu sei, você corre tanto... Eu perdoei. Você leu bastante, ouviu muita coisa, viu mais ainda, e não teve tempo de ler ou ouvir a Minha Palavra.

Eu queria falar, mas você não parou para ouvir. Eu quis até aconselhá-lo, mas você nem pensou nessa possibilidade. Seus olhos, seus pensamentos, seus lábios, seriam melhores. O mal seria menor em sua vida. A chuva que caiu à tarde foram Minhas lágrimas por sua indiferença, mas foram também as Minhas bênçãos sobre a Terra para que não lhe falte o pão e a água.

Findou o seu dia. Você voltou para casa, mandei a Lua e as estrelas tornarem a noite mais bonita para lembrar-lhe Meu amor por você. Certamente agora você vai dizer um "Obrigado" e uma "Boa Noite". PSIU... está Me ouvindo? Já dormiu. Que pena! Boa Noite, durma bem, Eu fico velando por você.

AGORA É TARDE

Daniel Boarim

Agora é tarde para olhar nervosamente o relógio. O último trem já partiu. Uma soma de pequenas desatenções e... lá se vai uma rara oportunidade.

Aquele lugarejo sequer figurava no mapa. Atrasado e improdutivo, era habitado por gente de acanhados ideais. De bar em bar, de gole em gole, o povo ia definhando e empobrecendo. Havia poucas possibilidades de prosperar, exceto para quem se entregava à exploração de um sórdido comércio de bebidas. Podia-se dizer que aquela vila se transformava em terra de ébrios e miseráveis.

Há muito descontente com a lamentável decadência de sua cidade natal, um jovem, chamado Jones, que nascera na pobreza, órfão de mãe, e que vivia precariamente de pequenos serviços prestados aos mais afortunados, decide tentar a sorte em qualquer lugar mais promissor. Antes, porém, procura aconselhar-se quanto ao melhor rumo a tomar. Finalmente, decide não partir sem que tenha em vista alguma possibilidade concreta. Não gastaria suas minguadas reservas numa aventura.

Jones começa então a tentar contatos com agências de emprego das cidades próximas. Escreve várias cartas, onde inclui seu pobre currículo. Estivera quase a concluir o ginasial quando, por falta de recursos, fechara a única escola gratuita da região, sem previsão de voltar à atividade. Sabia também um pouco de marcenaria, que aprendera com seu tio, agora falecido.

Com o passar do tempo, Jones começa a perder a esperança de receber

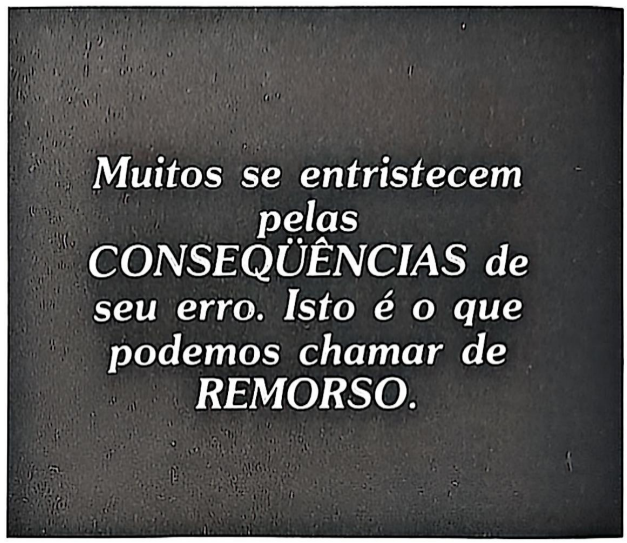
resposta. Mas continua enviando cartas. No conteúdo de cada correspondência insiste em sua vontade de aprender e trabalhar.

A boa sorte finalmente lhe acena. Uma firma de respeitável porte, em fase de franca expansão, necessita de aprendizès de marcenaria, e propõe aperfeiçoá-los para posteriormente trabalharem como marceneiros. As vantagens oferecidas são euforicamente apreciadas por Jones, que aceita o chamado sem hesitação. Mas a carta insiste em que os interessados devem se apresentar no prazo de no máximo uma semana para uma entrevista e início imediato.

Jones era um bom rapaz, estudioso e dedicado, mas tinha um sério defeito: não era muito pontual com seus compromissos. A falta de pontualidade e responsabilidade era, aliás, um mal que impregnava o ar de sua cidade.

A estação de trem ficava a quase quatro quilômetros dali, e Jones sabia haver só duas partidas por semana para o lugar a que desejava ir. O prazo para apresentação expirava numa quinta-feira. Era então domingo, e o trem sairia na quarta-feira, justo na véspera do último dia do prazo para a apresentação. Jones tratou de comprar logo sua passagem, e passou contente os dias que se antecipavam à viagem. Contou alegremente a novidade aos amigos, que resolveram comemorar com um encontro de despedida no bar, na noite anterior à viagem.

Jones, sóbrio e muito econômico, não era dado a gastos com bebidas, mas seus "amigos" patrocinariam a "festinha". No dia marcado, estavam todos lá, cantarolando, bebendo, conversando à toa. Jones aprendera de seus pais que um homem de bem não deve beber, pois o álcool entorpece a mente e rebaixa a moral, além de afastar o homem do favor de Deus, que é o maior dos males. Mas apesar dos avisos de sua consciência, acabou cedendo à insistência dos "amigos", até que, de gole em gole, embriagou-se. Já era mais de meia-noite quando, a passos trôpegos, entrava em seu barraco e atirava-se pesadamente na cama. Às sete horas levanta-se de sobressalto e lembra-se de seu importante



compromisso. Mas já está perigosamente atrasado. O trem sairia às sete e meia, e a viagem até à estação era de mais de uma hora a pé. Mas se corresse bastante, quem sabe, chegaria a tempo. Não poderia perder esta oportunidade. Sem tempo de vestir-se convenientemente e mesmo lavar o rosto, munido apenas da passagem e uma pequena mala contendo alguns poucos pertences, sai correndo através das ruas poeirentas de sua vila natal. Não avista nenhuma carroça de aluguel que pudesse conduzi-lo com mais rapidez. Tenta então vencer os três ou quatro quilômetros com passadas rápidas. Poderia até fazê-lo, se não fosse a ressaca da noite anterior. Sente-se extremamente cansado, mas mesmo assim, impõe-se um esforço sobre-humano. Olha freqüentemente o relógio, e constata que o tempo escoa com rapidez. Escorrem densas gotas de suor através do rosto. Cruza com alguns conhecidos na estrada, mas sequer tem fôlego para cumprimentá-los. Faltam dez minutos, cinco, três minutos. Jones já vê a estação e o trem parado, cuja máquina começa a expelir fumaça, preparando-se para a partida. Apressa o passo, dando o máximo de si. Agora é tudo ou nada. Dois minutos, um minuto. O trem apita. Meio minuto. Vai partir. Jones entra na estação e apresenta a passagem na bilheteria. Porém a máquina já iniciara seu movimento. Tenta desesperadamente

alcançá-la, mas, embaraçado pelo volume que carrega, corre até o fim da plataforma sem conseguir agarrar-se à composição, e mesmo que conseguisse, as portas já se haviam fechado. Esforços baldados. Olha o relógio: 7:32h. Olha para o trem que se afasta. Uma lágrima rola pela face. Lá se vai embora uma rara oportunidade. Senta-se num canto da estação e, de cabeça baixa, começa a pensar...

Se você estivesse no lugar de Jones, que pensaria numa ocasião assim? Podemos imaginar que sentimentos se apoderaram do rapaz da história. Provavelmente, lamentando a situação, ficou a pensar na sua falta de sorte.

O arrependimento não é só tristeza pelo pecado, mas envolve necessariamente o abandono do mesmo.

"Que me sobrevirá agora? Sou tão azarado! Esse trem não poderia ter partido com atraso de um minuto? Que pensarão meus amigos quando me virem novamente? Minha vida deixa de ter sentido assim. Perdi uma oportunidade que não vai se repetir. Que farei?"

Muitos se entristecem pelas conseqüências de seu erro. Isto é o que podemos chamar de *remorso*. Quando um ladrão é preso, e lamenta o fato de haver perdido a liberdade, sem considerar profunda e sinceramente que isto foi resultado de sua própria conduta errada, está também tomado de remorso. A maioria das pessoas age desta maneira. Quando Jesus vier outra vez, e muitos chegarem à terrível conclusão de que estão perdidos, irremediavelmente perdidos, lamentarão este fato, chorarão amargamente, mas não se ressentirão honestamente por causa de seus pecados passados, que acarretaram sua perdição. Se lhes fosse dada segunda oportunidade, não se endireitariam, seu coração não se sujeitaria a sofrer as necessárias mudanças.

Mas o arrependimento é diferente. Voltando à história de Jones, como pensaria ele se estivesse verdadeiramente arrependido? "Que loucura cometi eu! Por que não atendi à voz de minha consciência? Errei gravemente. Agora vejo os resultados de meu procedimento. Preciso mudar. Deus há de me ajudar a mudar. Deixarei estes falsos amigos e atenderei os bons conselhos de meu pai. A partir de hoje, com o auxílio de Deus, nunca mais serei um intemperante. Nunca mais agirei com tanta irresponsabilidade frente a compromissos tão sérios."

O arrependimento não é só tristeza pelo pecado, mas envolve necessariamente o *abandono do mesmo*. Quem se arrepende reconhece que foi pelo seu pecado que Cristo veio ao mundo e aqui sofreu tão amargamente, e que pecar corresponde a crucificar novamente o Filho de Deus; dispõe-se a abandonar seus erros e pede fervorosamente ajuda a Deus.

O apóstolo Pedro coloca o arrependimento como condição indispensável à salvação, quando diz: "arrependei-vos e convertei-vos; para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos de refrigério..."

Eu e você precisamos parar e pensar, como fez o Jones da história. Por que nossa vida espiritual não vai bem; ou por que não progredimos na fé? É necessário examinarmos sinceramente nossa consciência, em vez de ficar lamentando nossos fracassos e decepções, que são a conseqüência de erros que muitas vezes não enxergamos. Que Deus nos ajude a ver onde erramos, onde estão as causas de nossos distúrbios da alma, para que os removamos enquanto há tempo. Não deixemos passar esta raríssima oportunidade, que se chama: *vida eterna*. Não há segunda chance. Que não sejamos forçados a dizer um dia: "agora é tarde!"

DEUTSCH-LAND!

XVI Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia - Movimento de Reforma. ERBACH - ALEMANHA — 13-15 de setembro - Reuniões Espirituais — 3-24 de setembro - Assembléia dos delegados e representantes.